



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL**

FRANCISCO FABRÍCIO PEREIRA DA SILVA

**DESINFORMAÇÃO E SALA DE AULA: INSPIRAÇÕES SOCIOLÓGICAS PARA O
ENFRENTAMENTO ÀS FAKE NEWS NO AMBIENTE ESCOLAR**

FORTALEZA

2024

FRANCISCO FABRÍCIO PEREIRA DA SILVA

DESINFORMAÇÃO E SALA DE AULA: INSPIRAÇÕES SOCIOLÓGICAS PARA O
ENFRENTAMENTO ÀS FAKE NEWS NO AMBIENTE ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial à obtenção do título de mestre. Área de concentração: Ensino de Sociologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Monalisa Soares Lopes.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S58d Silva, Francisco Fabrício Pereira da.
Desinformação e sala de aula : inspirações sociológicas para o enfrentamento às fake news no ambiente escolar / Francisco Fabrício Pereira da Silva. – 2024.
104 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado Profissional em Ensino de História, Fortaleza, 2024.
Orientação: Profa. Dra. Monalisa Soares Lopes.
1. Ensino de Sociologia. 2. Fake News. 3. Livro didático. I. Título.

CDD 907.220711


FRANCISCO FABRÍCIO PEREIRA DA SILVA

DESINFORMAÇÃO E SALA DE AULA: INSPIRAÇÕES SOCIOLÓGICAS PARA O
ENFRENTAMENTO ÀS FAKE NEWS NO AMBIENTE ESCOLAR


Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Sociologia. Área de concentração: Ensino de Sociologia.

Aprovada em: 28/05/2024.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MONALISA SOARES LOPES**
Data: 28/05/2024 14:49:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Monalisa Soares Lopes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Documento assinado digitalmente
 **FRANCISCO WILLAMS RIBEIRO LOPES**
Data: 28/05/2024 15:48:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Francisco Williams Ribeiro Lopes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Documento assinado digitalmente
 **EMANUEL FREITAS DA SILVA**
Data: 29/05/2024 09:18:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Emanuel Freitas da Silva
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Gostaria de agradecer primeiramente a minha família por todo o apoio desde o início da minha jornada acadêmica em 2011. Minha mãe Francy, sempre paciente, amorosa e um exemplo *fitness*, que mostrava na prática a importância do exercício físico na nossa vida. Ao meu pai e meu herói, Fabrício, meu grande ídolo e a pessoa mais apaixonada por animais que eu já conheci. Ao meu irmão William, parceiro de conversas e jogos de vídeo game das antigas. Obrigado por sempre estarem aqui comigo.

Um agradecimento especial à minha orientadora, Professora Monalisa Soares Lopes, não apenas por ser uma professora extraordinária que contribuiu muito com a minha formação, mas também por ter escolhido orientar o meu trabalho e por ter enriquecido tanto as minhas discussões. As suas orientações e observações pontuais foram fundamentais para a realização desse trabalho. As suas orientações ajudaram a colocar um fio lógico no meu emaranhado de ideias e a acalmar a minha mente “aperreada”. Obrigado por tudo, não poderia ter tido melhor orientadora.

Entrando em outra categoria, gostaria de agradecer imensamente ao meu querido amigo e colega de trabalho Johny, extraordinário professor e pesquisador, por toda a ajuda dada desde a gestação da carta de intenções no processo seletivo até a definição do tema e o texto de qualificação, além de escutar por várias vezes os meus lamentos da vida profissional e amorosa. Uma honra inenarrável poder dizer com todas as letras que sou seu amigo e dividir o mesmo ambiente de trabalho com você. Sem a sua ajuda nada disso teria sido possível.

Meus agradecimentos ao colega de disciplina e amigo, Professor Fábio, por contribuir, mesmo que na correria entre as aulas, com a discussão teórica sobre os conceitos sociológicos, área que ele domina como ninguém. Devo muito a você, meu amigo, obrigado por ter contribuído tanto com o meu projeto de qualificação e com a nossa disciplina na escola.

Um agradecimento especial a minha queridíssima amiga Sâmara Natasha, com quem dividi tantas risadas e tantos momentos maravilhosos nesses dois anos em que me desdobrava entre escola, mestrado e vida pessoal (e nos quase seis anos que nos conhecemos), mas que agora, devido às vicissitudes da vida, estamos

em turnos separados, nos vendo apenas na correria das reuniões ocasionais. A sua companhia e a sua presença foram fundamentais para que a minha mente e meu coração se mantivessem sempre no lugar. Obrigado por ser essa pessoa incrível e por tornar essa luta cotidiana um pouco mais leve e tolerável.

Os meus agradecimentos também vão aos meus queridos amigos e amigas de profissão e de vida: o “nosso prefeito” Hélio, não só pela participação nas oficinas que serviram de base para a elaboração do presente trabalho, mas também pelas conversas e pelos almoços etílicos, que tanto me ajudaram a abrir a mente, em todos os sentidos possíveis; Elenizia “Sunshine”, que em pouco tempo conseguiu se converter em uma das amizades mais fortes e consistentes que eu já tive em toda a minha jornada; aos demais colegas que tornam o nosso dia a dia mais agradável e tolerável: Rafael, Louise, Jéssica Liss, Jéssica Garcia, Maurício, João Paulo “Panda” da Guia, Renan, Wilson, Samantha, Juliano, Fernando, Milk, Reinalde, Válber, Menina Débora, Big Fábio, que teve papel fundamental na elaboração desse material, Anderson Braz... Todos e todas que direta ou indiretamente contribuíram para que as coisas funcionassem nesses dois anos, nesse cotidiano tão corrido como o da nossa profissão.

Gostaria de agradecer também aos meus amigos e colegas de mestrado que dividiram esses dois anos comigo, construindo uma rede de apoio forte e segura: Karla, a nossa líder, que com sua leveza e parcimônia ajudou a manter o ambiente de sala sempre agradável, além de ter participado da oficina que ajudou na produção do material didático presente no nosso trabalho; Ingrid, minha companheira de sala e de bar, dividindo os seminários, as viagens e as cervejas ao longo dessa jornada; Danúbio, o maior *gentleman* de Canindé e adjacências, o cara mais otimista e boa praça que eu já conheci na vida, além de ser um pesquisador genial, mesmo ele teimando que não; Geslane, a nossa Gê, com toda a sua doçura e comentários pontuais que sempre nos arrancavam as melhores risadas; Estelany, a rainha de Vazantes, que sempre abrilhantava as nossas discussões; Lucas, o nosso gestor; Neto, o cabra mais desenrolado que eu já vi; Harrysson e seu olhar aguçado para todos os detalhes; Lisimére e toda a sua experiência; e, por fim, mas não menos importante, as nossas queridas Ananda e Thatiany, que chegam com bonde andando e conseguiram deixar as suas marcas em todos nós.

Obrigado a todos e todas que contribuíram para que esse sonho se tornasse realidade.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal fornecer subsídios teóricos e metodológicos sociologicamente orientados para os professores e professoras de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do Ensino Médio visando contribuir para o enfrentamento às *fake news* e à desinformação dentro da sala de aula e do ambiente escolar como um todo. Apresentamos uma discussão teórica acerca das definições de *fake news*, capitalismo digital, plataformização da sociedade e o impacto da desinformação para a democracia, além dos seus usos políticos. Discutimos amplamente, também, as múltiplas relações entre *fake news*, ensino e sociedade. Analisamos as 14 coleções aprovadas no Programa Nacional do Livro Didático - PNLD - 2021, quantificando as definições de *fake news* e os conteúdos em que o tema era abordado nessas obras. Partindo dos limites e possibilidades presentes nessas coleções, propomos um material didático que possa suprir as deficiências teóricas e metodológicas dos livros e orientar os professores e professoras da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio. O material didático é apresentado em três eixos: discussão teórica sobre as definições de *fake news*, plataformização da sociedade e, por fim, as propostas de atividades em sala de aula. Como metodologia, utilizamos as orientações de Simone Meucci sobre como analisar o livro didático como um elemento sócio-cultural presente em uma lógica configuracional da sociedade, obedecendo a imperativos editoriais e econômicos.

Palavras-chave: ensino de Sociologia; *fake news*; livro didático.

ABSTRACT

The main objective of this paper is to provide sociologically-oriented theoretical and methodological support for high school teachers of the humanities and applied social sciences, with the aim of helping to tackle *fake news* and disinformation in the classroom and the school environment as a whole. We present a theoretical discussion on the definitions of *fake news*, digital capitalism, the platformization of society and the impact of disinformation on democracy, as well as its political uses. We also extensively discuss the multiple relationships between *fake news*, teaching and society. We analyzed the 14 collections approved in the National Textbook Program - PNLD - 2021, quantifying the definitions of *fake news* and the content in which the topic was addressed in these books. Based on the limits and possibilities present in these collections, we propose a didactic material that can overcome the theoretical and methodological deficiencies of the books and guide teachers in the area of Applied Human and Social Sciences in High School. The didactic material is presented along three axes: a theoretical discussion on the definitions of *fake news*, the platformization of society and, finally, proposals for classroom activities. As a methodology, we used Simone Meucci's guidelines on how to analyze the textbook as a socio-cultural element present in a configurational logic of society, obeying editorial and economic imperatives.

Keywords: sociology teaching; *fake news*; textbook.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quem produziu as coleções.....	40
Tabela 2 - Definições de <i>fake news</i>	45
Tabela 3 - Atividades e outras abordagens envolvendo o tema <i>fake news</i>	47
Tabela 4 - Quadro-síntese das coleções.....	51
Tabela 5 - Formulário para os docentes participantes das oficinas.....	65

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	CAPÍTULO I - O DEBATE TEÓRICO SOBRE AS <i>FAKE NEWS</i>	15
2.1	O uso político das <i>Fake News</i>	22
2.2	O debate sobre o conceito de <i>Fake News</i>	28
2.3	<i>Fake News</i> , escola e sociedade.....	33
2.3.1	<i>Fake News</i> , anticientificismo e negacionismo.....	34
2.3.2	<i>Currículo, Novo Ensino Médio e BNCC</i>	35
2.3.3	<i>O livro didático</i>	37
3	CAPÍTULO II - <i>FAKE NEWS</i> COMO CONTEÚDO DIDÁTICO NAS COLEÇÕES DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS DO PNLD 2021.....	40
4	CAPÍTULO III – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA.....	54
5	RELATÓRIO DAS OFICINAS/VALIDAÇÃO EMPÍRICA.....	65
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
7	REFERÊNCIAS.....	73
	ANEXO A - AS COLEÇÕES E SEUS VOLUMES.....	76
	APÊNDICE A - MATERIAL DIDÁTICO.....	78

1 INTRODUÇÃO

Resultado de uma série de inquietações no ambiente escolar acerca das diversas formas que os estudantes se relacionavam com as *fake news* e com diversas outras formas de desinformação, o presente trabalho tem como objetivo produzir um material didático complementar sobre o tema *fake news* enquanto conteúdo curricular presente nos livros didáticos das coleções de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do PNLD 2021 visando fornecer subsídios teóricos e metodológicos sociologicamente orientados para os professores e professoras do Ensino Médio visando, assim, contribuir para o enfrentamento às *fake news* e à desinformação dentro da sala de aula e do ambiente escolar como um todo.

Analisando as nossas fontes, no caso as coleções didáticas, partimos da problemática geral “como as Ciências Sociais podem contribuir para a produção de materiais didáticos teoricamente embasados que poderão complementar o livro didático e servir como suporte para os professores de Ciências Humanas nas aulas sobre *fake news* e nas questões que envolvam algum tipo de desinformação dentro do ambiente escolar?”. Essa problematização nos ajuda a mobilizar esforços para direcionar a discussão para o campo das Ciências Sociais, pois, acreditamos que as perspectivas da Sociologia e da Ciência Política se apresentam como necessárias para um debate mais amplo sobre esse tema.

Ao todo analisamos as 11 coleções de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas submetidas à escolha na Escola de Ensino Médio Professor Otávio Terceiro de Farias, local onde foram realizadas as oficinas propostas, além de outras 3 presentes no PNLD 2021, porém, que não foram apresentadas na escola, totalizando, assim, 14 coleções. Essa escolha se deu visando atender a totalidade de coleções, independentemente da escolha da escola. A relevância do trabalho proposto se apresenta como necessária uma vez que a edição do ano de 2021 do PNLD é a primeira desde a implementação da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Novo Ensino Médio (NEM), que apresentam novas discussões e preocupações sociais e educacionais para os estudantes do ensino básico, além de novos desafios para os docentes das mais diversas áreas do conhecimento.

Desde a obrigatoriedade do ensino de Sociologia no Ensino Médio, em 2008, essa é a primeira vez que os componentes curriculares foram condensados em áreas de conhecimento, impactando diretamente nos conteúdos em comparação aos temas

abordados nas coleções do PNLD 2017. Além da redução dos conteúdos, houve a inserção de novos temas que são resultado das novas demandas sociais e históricas do nosso tempo. Dentro desse contexto, o tema *fake news* surge como conteúdo didático, assim como outras formas de desinformação e aspectos da educação digital, uma vez que os seus impactos são percebidos nas mais diversas esferas da vida coletiva, seja pela sua influência positiva, seja pela sua ausência.

O texto está organizado em três capítulos e o material didático resultado das discussões teóricas, da análise das coleções de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e das oficinas realizadas com professores e professoras da rede estadual de ensino.

O primeiro capítulo corresponde ao debate teórico acerca do conceito de *fake news* buscando delimitar as definições que vêm sendo produzidas ao longo dos últimos anos a partir da bibliografia utilizada; a sua contextualização, pois, como observamos, há, ainda, uma divergência em relação ao contexto histórico em que as *fake news* surgiram e/ou foram utilizadas, o que pode, inclusive, resultar em um processo de anacronismo, como é discutido na parte inicial do capítulo.

Também analisamos as demais temáticas que estão relacionadas a esse tema, como o capitalismo digital, recorte histórico em que surgem as *fake news*, as *big techs*, que fornecem a infraestrutura tecnológica para a produção e distribuição em larga escala dessas notícias falsas, a plataformização da sociedade e das relações, tanto pessoais como profissionais, entre outros. Outro tópico que recebe destaque nesse capítulo é a discussão sobre os impactos políticos das *fake news* e os riscos à democracia que ela apresenta. Nesse capítulo, também é discutida a relação entre *fake news*, escola e sociedade, refletindo sobre os sentidos da escola, o Novo Ensino Médio, o livro didático enquanto produto educacional e cultural, justamente por ser o resultado de novas preocupações e demandas sociais que elencam os temas considerados relevantes para a sociedade, como afirma Young (2011).

O segundo capítulo apresenta a análise das coleções de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas submetidas à avaliação no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2021. Essa discussão se apresenta como necessária por termos o tema *fake news* como um conteúdo dentro dessas coleções didáticas analisadas, algo inexistente no PNLD anterior, o que lhe confere um caráter de relevância social, como afirmado anteriormente. Aqui analisamos: 1) quem são os autores que produziram essas coleções, pois, como os componentes curriculares foram

aglutinados em uma única área, conhecer quem esteve presente na elaboração no conteúdo contribui para uma melhor compreensão do direcionamento que a obra toma, como observamos em grande parte das coleções; 2) as definições de *fake news* presentes (ou ausentes) em cada coleção, pois, como observamos na análise sobre quem produziu as coleções, a formação e a área de atuação dos autores teve influência direta no conteúdo apresentado nas obras, dessa forma, temos diversas definições e abordagens sobre esse conceito nas coleções analisadas; 3) as atividades e os temas relacionados ao conteúdo *fake news* ao longo das coleções, com seus limites e qualidades, uma vez que foi observado uma variedade enorme de abordagens nas obras, o que serviu como base para a nossa proposta de intervenção.

Na análise dos livros didáticos, utilizamos, parcialmente, como metodologia os trabalhos de Simone Meucci (2014; 2020), visando compreender agentes e agências que produziram as coleções, como o conteúdo se relaciona com outros temas dentro de uma lógica configuracional, entre outras questões que perpassam as múltiplas percepções acerca do livro didático. A discussão apresentada por Meucci engloba os mais diversos aspectos da produção do livro didático. No entanto, dentro de nossa proposta, utilizamos apenas as orientações que envolvem agências e agentes envolvidos nas produções, assim como os investimentos públicos e as demandas editoriais que se apresentam como um elemento impositivo na sua elaboração. Essa escolha metodológica se deu devido à natureza mais ampla de nossa proposta, que tem como objetivo principal complementar as discussões sobre *fake news* enquanto conteúdo didático.

Por fim, o terceiro e último capítulo consiste na nossa proposta de intervenção propriamente dita. Como estrutura de proposta, utilizamos os modelos de projetos de intervenção pedagógica apresentadas na coleção “Educação, Pobreza e Desigualdade Social”, organizada por Irapuan Teixeira Lima Filho e Maria Lourdes dos Santos (2019) para a elaboração do presente trabalho. Essa escolha se deu pela gama de possibilidades que essa estrutura de proposta permite apresentar, independentemente do tema em si, tais como intervenções no campo social, que é a proposta da coleção, como em propostas de intervenções pedagógicas, sendo utilizado, inclusive, como modelo em disciplinas do PROFSOCIO¹.

¹ A estrutura proposta no livro foi utilizada como modelo dos trabalhos da disciplina “Tópicos especiais em juventude e questões contemporâneas” ministrada pelo Professor Dr. Irapuan Teixeira Lima Filho.

Esse capítulo visa apresentar os aspectos metodológicos propostos a partir das análises dos livros didáticos e da discussão teórica apresentada ao longo do texto. Aqui são apresentados os planos de aula, construídos a partir das análises dos livros didáticos e das inquietações em sala de aula, e os seus processos de produção. Essa proposta dialoga diretamente com os dois capítulos anteriores, estando presente nela as hipóteses, partindo dos resultados obtidos nas análises dos livros didáticos, presentes no capítulo anterior; a problematização, ressaltando a importância do debate sobre *fake news* enquanto conteúdo didático e os seus impactos na sociedade; as atividades que foram realizadas com os professores e professoras participantes das oficinas e, por fim, os caminhos sociológicos para contribuir com essa discussão que consideramos urgente e necessária dentro do contexto político, cultural e social em que estamos vivendo e que impacta diretamente a comunidade escolar e o cotidiano dos nossos alunos e professores.

Em seguida apresentamos o relatório das oficinas realizadas com professores de Ciências Humanas que atuam no Ensino Médio e utilizam as coleções analisadas no presente trabalho. Os dados corroboram com a discussão teórica apresentada no capítulo I e dialogam com os levantamentos sobre os livros didáticos apresentados no capítulo II, com os seus limites e possibilidades.

Ao final do trabalho, apresentamos os anexos que complementam a nossa proposta: a divisão interna de cada uma das coleções presentes no PNLD 2021, de acordo com a sequência apresentada no Guia do PNLD 2021, o qual também foi utilizado em todas as demais tabelas do capítulo II.

Como apêndice e produto final de nosso trabalho, apresentamos o nosso material didático voltado para uma discussão sociologicamente orientada sobre *fake news* na sala de aula. Esse material foi elaborado a partir da análise das coleções de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas presentes no PNLD 2021. As coleções apresentam o conceito como algo que sempre existiu na história, desconsiderando, como analisado na seção anterior, toda a infraestrutura técnica e algorítmica necessária para a produção e circulação de *fake news* ou simplesmente o coloca como um sinônimo de “pós-verdade” - os conceitos estão intrinsecamente relacionados, contudo, não significam a mesma coisa. O nosso intuito aqui é fornecer um suporte embasado teoricamente aos professores e professoras que atuam na Educação Básica e que por vezes se deparam com alguma *fake news* no ambiente

escolar ou que apenas busquem contribuir para a construção de um pensamento crítico em nossos/as estudantes.

O material está dividido em três partes: a primeira, chamada de “Em busca de uma definição”, tem como objetivo apresentar uma definição do conceito de fake news que contemple as múltiplas dimensões desse fenômeno. A segunda parte toma emprestado um trecho da canção “Anjos Tronchos” de Caetano Veloso, intitulada “A minha vida agora é um denso algoritmo”, discute como as redes sociais, a plataformização e os algoritmos estão moldando os nossos gostos e comportamentos e como isso impacta na educação. Por fim, temos as propostas de atividades, que têm como objetivo colocar em prática as discussões levantadas ao longo do texto. Elas dialogam entre si, mas podem também serem realizadas de maneira individual, ficando a critério dos/as docentes a forma como serão postas em prática.

CAPÍTULO I - O DEBATE TEÓRICO SOBRE FAKE NEWS

Em um artigo publicado no final de 2022 no site Café História², o historiador Bruno Leal discute a existência de um ensaio “pouco lembrado” do historiador francês Marc Bloch sobre *fake news*, escrito em 1921, onde é discutido o uso de notícias falsas durante a Primeira Guerra Mundial. Bloch - que combateu nas duas guerras mundiais, sendo executado em 1944 após ter sido capturado pela *Gestapo* - foi um dos mais importantes historiadores do século XX, iniciando um movimento que mudou os paradigmas da produção em História enquanto ciência³, o que atrai interesse em suas obras até os dias atuais.

No artigo sobre o ensaio “Reflexões de um historiador sobre as falsas notícias da guerra”, Leal aponta para a originalidade e atualidade das considerações de Bloch: “O erro só se propaga, só se amplia, só vive com uma condição: encontrar na sociedade em que se difunde um caldo de cultura favorável. Nele, inconscientemente, as pessoas exprimem os seus preconceitos, os seus ódios, os seus medos, todas as suas emoções fortes.” (BLOCH *apud* LEAL, 2022).

Aqui, contudo, o foco não é diretamente as palavras de Bloch, que, incontestavelmente, carregam um teor atual acerca da discussão sobre *fake news* e desinformação, mas sim, a forma como Leal apresenta esse ensaio: ao incorrer sobre o tema utilizando o termo *fake news*, Leal o considera como um fenômeno já existente no início do século XX, período em que o texto foi escrito, o que, por seu turno, pode levar a uma interpretação anacrônica acerca do assunto, pois os contemporâneos de Bloch não dispunham da infraestrutura técnica que caracteriza a produção de *fake news* e outras questões típicas de nosso tempo.

Essa breve análise sobre um artigo postado na internet serve como preâmbulo da nossa discussão acerca do tema *fake news*, pois, além da banalização do termo⁴, a sua existência é produto da sociedade informatizada, que depende de

² LEAL, Bruno. “O pouco lembrado ensaio do historiador Marc Bloch sobre *fake news*”. Em: <<https://www.cafehistoria.com.br/o-pouco-lembrado-ensaio-do-historiador-marc-bloch-sobre-fake-news/>>. Acesso em 15/03/2023.

³ Marc Bloch fundou, juntamente de Lucien Febvre, em 1929, a revista *Annales d'histoire économique et sociale*, que deu origem à chamada Escola dos Annales, um dos mais importantes movimentos historiográficos do século XX.

⁴ Podemos citar como exemplo, a fala de Donald Trump, referindo-se a um repórter da rede de televisão CNN “Vocês são *fake news*” (“You are *Fake News*”, no original) em janeiro de 2017 e, também, em outro contexto completamente diferente, a música “Fake News”, do cantor paulista Gustavo Mioto, lançada em 2019, com os versos: “Se a cidade falar que viu sofrendo, é mentira/ Não

formas de produção e circulação que não existiam há 100 anos, como foi apresentado no artigo de Leal.

Seria quase impossível imaginar uma infraestrutura técnica de produção e distribuição de notícias falsas ou qualquer outro tipo de desinformação em um outro contexto histórico senão o atual. Mesmo que ações semelhantes tenham ocorrido em outros momentos da história - como as notícias falsas que Bloch denunciou em seu texto -, Evgeny Morozov (2018) defende que a existência, a produção e a distribuição das *fake news* são desdobramentos do capitalismo tecnológico e da ascensão das *big techs*, fenômenos que fazem parte da contemporaneidade e do desenvolvimento tecnológico acumulado nas últimas décadas.

O autor bielorrusso discute de modo mais aprofundado o conceito de capitalismo tecnológico ao longo de sua obra. Contudo, para fins de definição, essa etapa histórica do capitalismo está relacionada à ascensão dos dados como ferramenta política e a consolidação do Vale do Silício como polo tecnológico das *big techs*, empresas de tecnologia que atuam como mediadoras desses dados: coletando, comercializando, manipulando e fazendo-os circularem. O autor associa a ascensão dessas *big tech* ao desmonte do Estado de Bem-Estar Social, o que se reflete no surgimento de aplicativos como o Uber (precarização do trabalho) e o Airbnb (precarização das moradias e a especulação imobiliária).

Morozov afirma, ainda, que “as *fake news* são o subproduto do capitalismo digital” (2018, p.186) e complementa, relacionando-as com a lógica de mercado que fomenta a sua produção e circulação, sempre em um viés econômico, um *subproduto*, de fato, explorado pelas *big techs*:

O problema não são as *fake news*, e sim a velocidade e a facilidade de sua disseminação, e isso acontece principalmente porque o capitalismo digital de hoje faz com que seja altamente rentável - veja o Google e o Facebook - produzir e compartilhar narrativas falsas que atraem clique. [...] Aparentemente uma economia controlada por anúncios virtuais produziu a sua própria teoria da verdade: verdade é qualquer coisa que atraia muitos olhares (MOROZOV, 2018, p.184-186).

Nos últimos anos, temos percebido um maior crescimento das redes sociais, seja na forma como consumimos notícias, entretenimento, como compramos, buscamos informações e tantas outras atividades. Como apresentado anteriormente,

acredita/ Se o povo falou que me viu chorando, mentiu/ É fake news”, apresentando o termo como uma expressão popular.

o momento atual em que vivemos é caracterizado pela grande circulação de dados, a chamada *big data*, que devido ao seu grande volume, é analisado a partir de sistemas matemáticos que otimizam os resultados no menor tempo possível e da maneira mais personalizada que os dados possam oferecer, isto é, os algoritmos. Esse processo oferece experiências cada vez mais personalizadas no mundo digital.

Débora Machado (2018), baseando-se em Nick Srnicek, utiliza o conceito de “Capitalismo de Plataforma” para compreender a infraestrutura digital⁵ que permite a circulação e comercialização dos dados, transformando-os em principal “matéria prima” dos negócios de empresas como Google e Meta (Facebook, WhatsApp e Instagram). A autora também discute como a algoritmização contribui para a coleta e a análise massiva e automatizada dos dados, o que permite a circulação desses dados em uma grande velocidade.

Observamos, assim, que a produção e circulação das *fake news* têm nessa infraestrutura técnica das redes digitais controladas por algoritmos o meio adequado para atingirem o maior número de pessoas possível no menor tempo possível de acordo com os interesses de seus produtores. Assim, utilizaremos o conceito de plataforma para compreender a forma como nos relacionamos com as redes sociais.

Letícia Cesarino (2022), dialogando com Liesbet van Zoonen, analisa a plataforma com o conceito de *eu-pistemologia* e como ela transforma a experiência nas redes:

a integração dos procedimentos de acesso ao real no plano da experiência imediata, da certeza, dos sentidos, da trajetória e da opinião pessoais. Nas plataformas, esses efeitos são acentuados, pois os algoritmos entregam aos usuários mundos personalizados que confirmam seus enquadramentos individuais - em termos cibernéticos, que contêm um excesso de feedback positivo. Como resultado, os usuários sentem-se plenamente legitimados em suas opiniões e visões, e, assim, proativos e livres, distribuindo *follows*, curtidas ou *blocks* à vontade, como pequenos soberanos em seus microfocos digitais (CESARINO, 2022, p.105).

Ainda nessa linha de pensamento, Cathy O’Neal (2020) e Evgeny Morozov (2018), defendem a tese de que a algoritmização e a plataforma da sociedade

⁵ “O autor define plataforma como ‘infraestruturas digitais, que permitem que dois ou mais grupos interajam’ (SRNICEK, 2016, p.31). Elas posicionam-se como intermediários que reúnem tipos diferentes de usuários, como ‘clientes, anunciantes, provedores de serviços, produtores, fornecedores e até objetos físicos’ (*Idem*, p.31) e possuem a vantagem de operarem em qualquer lugar onde ocorra interação digital.” (MACHADO, 2018, p.51-52).

fomentam e reforçam a desigualdade social, promovem o individualismo em detrimento às práticas coletivas, além de enfraquecer o processo democrático. Max Fisher defende que os algoritmos e o design de plataformas como o Facebook e o Youtube “moldavam propositalmente as experiências e os estímulos dos usuários e, portanto, os próprios usuários” (FISHER, 2023, p.17). Dessa forma, podemos afirmar que estamos vivendo em um meio completamente guiado pelas plataformas e pelos algoritmos em suas múltiplas dimensões.

Ao apresentarmos o caso de Marc Bloch, observamos que nem toda mentira é considerada *fake news*, uma vez que, reforçando, a sua existência decorre de uma infraestrutura técnica digital e algorítmica que até o momento só se apresenta como possível no momento atual do capitalismo, digital e plataformizado. Dessa maneira, para fins de delimitação e recorte, discutiremos e analisaremos as *fake news* nesse contexto histórico: o do capitalismo tecnológico/digital - que será retomado em outros momentos do trabalho.

Já no que diz respeito às cronologias históricas e sociais, dentro do campo Sociologia, percebemos que o surgimento e proliferação das *fake news* não são apenas frutos de um contexto tecnológico, mas também de uma nova percepção acerca do próprio tempo, no qual as individualidades se sobrepõem ao coletivo e as antigas instituições que serviam de base de sustentação da nova ordem surgida pós-Revolução Francesa se encontram em constante crise.

Zygmunt Bauman (2001), caracteriza o período que vivemos como modernidade líquida, período que representa “uma redistribuição e realocação dos ‘poderes de derretimento’ da modernidade” (2001, p.11). A sua compreensão temporal é marcada pela metáfora da fluidez presente nas relações humanas e institucionais, o que resulta em uma visão “individualizada e privatizada” da modernidade. A percepção tempo/espço se esvazia de sua função ontológica, levando os indivíduos aos seus lugares nenhum, ou *não-lugares*⁶ sem a preocupação da interação, apenas da ação dentro de uma lógica de consumo.

Anthony Giddens (1991), ao discutir as consequências da modernidade, aponta uma série de discontinuidades que são marcas tipicamente do nosso período histórico, em especial “a perda da crença no ‘progresso’” (1991, p.20). Esse fator

⁶ “Um não-lugar ‘é um espaço destituído das expressões simbólicas de identidade, relações e história: exemplos incluem aeroportos, autoestradas, anônimos quartos de hotel, transporte público... Jamais na história do mundo os não lugares ocuparam tanto espaço” (BAUMAN, 2001, p.98).

primordial conduzirá a sociedade e os indivíduos a diversos rearranjos sociais, tendo como uma de suas principais características a multidimensionalidade das instituições. Há, também, a separação do tempo e espaço, os quais sofrem com um esvaziamento que é característico da modernidade. Em um contexto de desencaixes e deslocamentos, o global e o local se confundem na densa teia social, o que favorece esses esvaziamentos. Como afirma o autor

A separação de tempo e espaço envolveu acima de tudo o desenvolvimento de uma dimensão 'vazia' de tempo, a alavanca principal que também separou o espaço do lugar. [...] O uso generalizado de instrumentos de marcação do tempo facilitou, mas também pressupunha, mudanças que não poderiam ser somente locais, que eram inevitavelmente universalizantes. [...] O mapa global, onde não há privilégio de lugar (uma projeção universal), é o símbolo correlato do relógio no 'esvaziamento' do espaço (GIDDENS, 2002, p.22-23).

Há, assim, um deslocamento na percepção tempo/espaço que caracterizará a relação indivíduo-instituição a partir de conceitos como *desencaixe*, que se referem “ao ‘deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (GIDDENS, 1991, p. 31), que por seu turno, resulta em dois mecanismos ligados às instituições modernas: as *fichas simbólicas*, que são “meios de intercâmbio que podem ser ‘circulados’ sem ter em vista características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular (GIDDENS, 1991, p.32) e os *sistemas peritos*, “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organiza grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (GIDDENS, 1991, p.38-39). Ambos os mecanismos

removem as relações sociais das imediações do contexto. Ambos os tipos de mecanismos de desencaixe pressupõem, embora também promovam, a separação entre tempo e espaço como condição do distanciamento tempo-espaço que eles realizam. Um sistema perito desencaixa da mesma forma que uma ficha simbólica, fornecendo “garantias” de expectativas através de tempo-espaço distanciados (GIDDENS, 1991, p.39).

Já Letícia Cesarino (2022) analisa a relação tempo-espaço a partir da lógica da plataformização. A percepção temporal dos indivíduos já não é mais a do tempo cronológico das máquinas ou do relógio, mas sim das redes sociais, das mídias digitais, conduzido meramente pelo desejo dos algoritmos: “A valência do conteúdo interessa menos que o simples fato do engajamento: para os algoritmos, é

indiferente se a expressão for de amor ou ódio” (CESARINO, 2022, p.109). Mesmo não aprofundando a discussão em termos teóricos ou técnicos como Giddens, por exemplo, a autora desenvolve uma percepção temporal marcada pelo individualismo e pelo deslocamento do global para o local, pelo menos aparentemente. O *environment* das mídias digitais engloba a discussão acerca das *fichas simbólicas* de Giddens e, também, os *não-lugares* apresentados por Bauman: o tempo-espaço é preterido por uma nova lógica configuracional da sociedade onde todos estão e não estão em todos os lugares ao mesmo tempo e o individualismo da opinião se sobrepõe à verdade factual, conduzida por algoritmos e fomentando os discursos de amor e ódio que movimentam a economia das *big techs*, como defende Evgeny Morozov.

Dessa maneira, percebemos a grande fragmentação na percepção sobre o tempo/espaço, da concepção da modernidade até a plataformização dos dias de hoje, favorece o surgimento de práticas de desinformação como as *fake news*, uma vez que ela é uma prática individual e coletiva ao mesmo tempo: a perda de confiança nos sistemas peritos, como vamos analisar posteriormente, especialmente a mídia e a escola, serve como justificativa da busca por meios “alternativos” de informação e o global/local se confunde em meio à torrente de informações que circulam nas redes. Um fato isolado no continente asiático pode reverberar nas redes sociais tão fortemente quanto um acontecimento no interior de alguma cidade do Nordeste brasileiro, por exemplo, como as análises de Giddens (2002) dão a entender. Assim, observamos como além da questão técnica e tecnológica, a própria concepção temporal e espacial se converte em um elemento significativo na análise das *fake news*.

No campo político, a relação entre *fake news* e a democracia apresenta-se como um tópico indispensável. Partimos, inicialmente, das análises de Eugênio Bucci (2019) acerca da questão epistemológica sobre a verdade⁷, como isso interfere no processo democrático e como as *fake news* se localizam nesse debate. Situaremos, assim, a discussão sobre os limites e possibilidades do agir democrático no momento em que elas se tornaram um elemento recorrente no campo político. Democracia e

⁷ A discussão permeia diversos caminhos epistemológicos, passando pela questão moral envolvendo a ação do jornalista e como isso se reflete no que é produzido por ele. No entanto, questões de ordem moral no que diz respeito à ação do jornalista não cabem diretamente ao escopo do trabalho. Recorreremos ao tema somente quando ele se apresentar necessário.

política são espaços fundamentais para a manutenção dos fatos como referencial de verdade. O autor afirma que

[...] a democracia teria então o dever de zelar permanentemente por “essa função política muito importante que consiste em divulgar a informação”, sem a qual não poderia existir. De sua parte, a política, mesmo para se proteger de si mesma e evitar que as crenças que normalmente cultiva se transformem em fanatismos irracionais, precisa buscar ancorar suas decisões nos fatos e, dessa maneira, encontrar sua textura adequada (BUCCI, 2019, p.29).

Partindo dessa análise, a literatura nos fornece dados que reforçam a ideia de que crenças que se transformaram em “fanatismos irracionais” quando a verdade factual foi substituída pela “pós-verdade” e pelos “fatos alternativos” em situações e contextos diversos, especialmente após 2016. Esses conceitos ancoram-se no falseamento da realidade e no descolamento da factualidade, o que contribui para a radicalização de discursos e narrativas, e as *fake news*, por seu turno, contribuem com esse processo. Nas “*echo chambers*”, que a algoritmização ajuda a ganharem força, as paixões pessoais se sobrepõem a todo e qualquer tipo de verificação. A verdade torna-se apenas uma questão de opinião, sem lastro na factualidade. Na política, isso se torna um risco inestimável. Bucci conclui

[...] a política sem fatos é um delírio apolítico ou antipolítico, uma guerra entre convicções desprovida de verdade. Isso é tanto mais perturbador quanto mais nos damos conta de que a verdade dos fatos é tão óbvia quanto o sol que faz arder a pele ou o chão de pedra que queima a sola dos pés. Na política, a verdade dos fatos é tão irrefutável quanto a experiência de se sentir o próprio corpo – e, quando ela está ausente da política, o que se instaura é uma forma corrosiva de farsa (BUCCI, 2019, p.85. Grifo nosso).

Rosemary Segurado (2021) aponta, no campo da ciência política, um corrente questionamento sobre as democracias, no qual a sua manutenção e razão de existência são postas em xeque. A ascensão de extremismos e negacionismos são partes integrantes desse processo de questionamento. Nesse contexto, as *fake news* apresentam-se como ferramentas que reforçam e contribuem com esses discursos extremistas e antidemocráticos. No contexto da pandemia do Corona vírus, as disputas de narrativas - chamada de “*infodemia*” pela autora (SEGURADO, 2021, p.15) - encontraram reverberação nas redes sociais e no mundo digital como um todo. Em linhas gerais, dentro desse contexto, podemos considerar a utilização das *fake*

news como um elemento que contribui diretamente para o enfraquecimento do discurso democrático em prol de narrativas politicamente reacionárias, extremistas e antidemocráticas.

2.1 - O uso político das Fake News

Elemento recente no panorama político e cultural da sociedade, as *fake news* se apresentam como uma ferramenta política cada vez mais utilizada pelos diversos espectros políticos ao redor do mundo, mas mais fortemente nos espectros da direita e da extrema-direita⁸. A bibliografia sobre o assunto nos aponta a predileção desse espectro político: Christian Lynch e Paulo Henrique Cassimiro (LYNCH; CASSIMIRO, 2022) caracterizam o seu uso como integrante da propaganda populista reacionária de direita e extrema-direita; Tatiana Dourado afirma que “o termo [*fake news*] se tornou um vício da retórica de populistas de extrema direita [...]” (DOURADO, 2021, p.9); Rosemary Segurado, ao discutir sobre a ascensão do negacionismo e da desinformação pontua que

O crescimento da extrema-direita conservadora no mundo chama a atenção dos estudiosos do fenômeno. São movimentos, partidos, governantes que estão se organizando em seus respectivos países, como podemos observar a Frente Nacional Francesa (França), a Aurora Dourada (Grécia), a Pegida Justiça (Polônia), a Liga Norte (Itália), o Vox (Espanha) além dos governantes Viktor Orbán da Hungria, Donald Trump dos EUA, Volodymyr Zelensky da Ucrânia, Recep Tayyip Erdogan da Turquia, Rodrigo Duterte das Filipinas, Jeanine Áñez da Bolívia, e Jair Bolsonaro do Brasil, para citar os maiores expoentes desse ideário. Ao observarmos essas lideranças políticas, os movimentos e partidos que compõem esse campo ideológico de extrema-direita, podemos identificar a desinformação e o negacionismo como um dos pontos em comum (SEGURADO, 2021, p.52).

⁸ Estudos, como o publicado pela CNN Brasil em 2021, apresentaram resultados que confirmam que a desinformação possui mais engajamento em perfis de direita. O estudo da Universidade de Nova York afirma que “contas classificadas como de extrema direita e disseminadores frequentes de desinformação têm muito mais probabilidade de gerar curtidas, compartilhamentos e outras formas de engajamento nas suas páginas de Facebook do que outras fontes de informações confiáveis”. (Em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/desinformacao-tem-mais-engajamento-em-perfis-de-direita-di-z-estudo/> Acesso em 16/09/2023). Mais recentemente, podemos observar como perfis de extrema direita continuam utilizando esse artifício visando benefícios políticos, como o compartilhamento de *fake news* associando as tragédias no Rio Grande do Sul ao Partido dos Trabalhadores, acusando o governo federal de “abrir comportas de represas e inundar o Sul”. (Em: <https://www.extraclasse.org.br/politica/2023/09/em-meio-a-tragedia-no-rs-bolsonaristas-espalham-fake-news/> Acesso em 16/09/2023).

Cabe destacar também que, recentemente, o espectro político da centro-esquerda no Brasil também utilizou essa estratégia durante as eleições presidenciais de 2022 para combater a extrema-direita no campo midiático das redes. Esse movimento ficou conhecido como “Janonismo Cultural”, em referência ao deputado André Janones, coordenador dessas ações nas redes sociais. A cientista política Helga de Almeida descreve a estratégia do deputado:

Janones construiu uma estrutura paralela de campanha nas mídias sociais, algo à parte do marketing oficial, para travar uma guerra digital com a extrema direita. Esta, que parece ter sido uma estratégia sem precedentes no que se trata de campanhas políticas anti-extrema direita no mundo, e que foi nomeada por usuários do Twitter como ‘janonismo cultural’, tratou de combater *fake news* não com informações de agências de checagem – até porque brasileiros, em sua maioria, não acreditam nas informações fornecidas por agências de checagem –, mas divulgando simultaneamente e coordenadamente informações explosivas em multiplataformas, em especial Facebook, Twitter, Telegram e WhatsApp, acerca do candidato do PL. E as contra-informações eram depois pulverizadas por milhares de usuários em suas respectivas contas. O objetivo era silenciar e parar a reverberação das *fake news* da extrema direita, fazendo com que as mídias sociais mudassem de assunto e focassem em outro tema, o qual atacasse Bolsonaro.⁹

Como afirma o italiano Giuliano Da Empoli (2019), o uso dessas notícias falsas como ferramenta política ganhou notoriedade com a eleição presidencial de 2016 nos Estados Unidos, que marcou a vitória do republicano Donald Trump. Outro fenômeno que é considerado um dos marcos iniciais do uso político dessas *fake news* é o processo de saída do Reino Unido da União Europeia, o *Brexit*, em 2016 (ALVES; MACIEL, 2020).

Mesmo não sendo causa única desses dois fenômenos políticos e históricos (ALVES; MACIEL, 2020), as *fake news* contribuíram de forma significativa nesses dois eventos. Na eleição presidencial dos Estados Unidos em 2016, a candidata democrata Hillary Clinton era considerada a favorita na disputa eleitoral, porém, Trump surpreendeu e foi eleito o 45º presidente dos Estados Unidos da América com 56,5% dos delegados¹⁰.

⁹ MARTINS, H. “Janonismo cultural ou ‘os fins justificam os meios’”. Em: <https://revistapb.com.br/artigos/janonismo-cultural-ou-os-fins-justificam-os-meios/> Acesso em 04/04/2023

¹⁰ “Como Donald Trump venceu as eleições de 2016 com 3 milhões de votos a menos que a adversária Hillary Clinton”. Em: <https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2020/noticia/2020/10/25/como-donald-trump-venceu-as>

A controvérsia ocorre quando a informação sobre o uso de dados pessoais de eleitores durante a campanha. Donald Trump, orientado por Steve Bannon, um coordenador de campanha de Trump, contratou a empresa Cambridge Analytica, empresa britânica de análise de dados e na qual Bannon era até então vice-presidente, para atuar em sua campanha. Utilizando-se das chamadas “pegadas digitais” (SEGURADO, 2021, p.56), a empresa “adotou a estratégia de utilizar o estudo do comportamento eleitoral para disseminar vídeos que atingissem a reputação da adversária de Trump [...]. Os vídeos associavam a imagem de Clinton à corrupção, escândalos sexuais envolvendo crianças e outras mentiras.” (SEGURADO, 2021, p.57). Essa interferência contribuiu fortemente para o resultado das eleições.

No entanto, o que mais chama a atenção é o perfil dos eleitores e dos financiadores de campanha que se identificam fortemente com a chamada *alt-right* norte-americana (a direita alternativa), incluindo outros membros importantes da Cambridge Analytica, como Robert Mercer e Alexander Nix. Segurado conclui que essa direita alternativa articula-se em torno da rejeição ao conservadorismo clássico e se organiza em torno do sexismo, antissemitismo e xenofobia. São adeptos e produtores de teorias da conspiração e apoiadores dos supremacistas brancos, grupos com ideias claramente racistas. As origens dessa extrema-direita podem ser localizadas em fóruns da Internet, como por exemplo o *4chan* e o *8chan*, uma espécie de fábrica de produção de memes utilizados pelos seguidores desse ideário ultraconservador (SEGURADO, 2021, p.57).

Giuliano Da Empoli (2019) aponta que o perfil dos usuários para disseminar *fake news* já era familiar a Steve Bannon, que começou a estudar o comportamento de jovens chineses que jogavam diversas modalidades de jogos online, os chamados *trolls*, e que se apresentavam como um terreno fértil para a disseminação de comportamentos politicamente incorretos. Essa estratégia de rápida disseminação via fóruns e *chans* foi fundamental para a vitória do republicano. A partir dessa experiência com esse público, Bannon reconheceu ali um espaço não só para apresentar ideias e promessas de campanha, mas também para demolir reputações e destruir oponentes políticos, como foi de fato a campanha presidencial de 2016.

Já o chamado *Brexit*, que em tradução livre significa “saída da Grã-Bretanha”, no caso da União Europeia, também foi outro marco do uso das *fake news* em campanhas políticas. Nesse caso, o uso era direcionado a saída imediata da região do bloco econômico europeu, o que, segundo os seus apoiadores, seria algo

benéfico para eles, pois não dependeriam mais das vontades do bloco europeu. Os britânicos se espelharam no chamado *Grexit*, a saída da Grécia do bloco europeu de Zona do Euro, o que foi um movimento controverso por si só, devido as circunstâncias em que ocorreram. Em linhas gerais, mesmo não sendo o único fator decisivo para a saída da Grã-Bretanha, as *fake news* tiveram impacto significativo para a saída da região do bloco europeu, que resultou em uma vitória por 52% contra 48%, o que não era esperado pela mídia especializada. Posteriormente foi confirmado que houve o uso de *bots*, isto é, softwares executando tarefas automatizadas, como o disparo de mensagens automáticas, por exemplo, durante a campanha do “*Leave*”, bloco favorável pela saída do bloco europeu (DRIESCHOVA; MARSHALL, 2018).

No Brasil, segundo Francisco Brito Cruz (2019), a ascensão do uso em massa dessas *fake news* coincide com a crise no sistema político-partidário, especialmente no seu colapso com os resultados da “Operação Lava Jato” e das eleições presidenciais de 2018. No entanto, a sua gênese já estava presente de mododisforme nas manifestações de junho de 2013, foram ganhando força no período de 2014 a 2016, especialmente no processo de *impeachment* contra a presidenta Dilma Rousseff.

Já Tatiana Dourado (2021), aponta que, mesmo não “surgindo” somente após a eleição de Trump nos Estados Unidos e o do *Brexit*, ambos em 2016, as *fake news* mudaram completamente o cenário político após esses dois marcos. A autora afirma que, não somente o Brasil, mas todas as democracias foram impactadas por esses eventos, pois

como fenômeno social complexo, que mescla em si mesmo lógicas políticas, sociológicas, comunicacionais e tecnológicas, esses episódios contemporâneos foram fundamentais para a construção de uma agenda de pesquisa científica [...]. De fato, [agora] as democracias se veem obrigadas a encarar um cenário comunicacional complexo não mais centrado unicamente na programação e no noticiário dos media, mas também em fluxos de mensagens e em trocas informativas baseados em plataformas de mídias sociais e em aplicativos de mensagens instantâneas, ao mesmo tempo em que tentam conter a ascensão de movimentos ultraconservadores que passaram a chamar mais atenção nos últimos anos da década de 20 do século XXI. (DOURADO, 2020, p.13).

Seguindo essa linha de análise, levantamentos como o realizado pela jornalista Patrícia Campos Mello (2020), apontaram que o teor das *fake news*

utilizadas pela equipe de campanha presidencial de Jair Bolsonaro, em 2018, período em que essa prática já se apresentava como algo consolidado no cenário político, teve um impacto significativo no resultado das eleições – apesar da jornalista não o colocar como fator principal do resultado do pleito.

O resultado eleitoral de 2018 contribuiu para a utilização das *fake news* como prática política e a “naturalização” de seu uso no contexto sócio-histórico atual pode ser percebido no levantamento feito pela Universidade de Cambridge, em parceria com o Reuters Institute, divulgado no Brasil pelo perfil de checagem de fatos Redes Cordiais sobre as *fake news* ligadas à pandemia de Covid-19: os resultados mostraram que em média 70% dos brasileiros acreditaram em alguma notícia falsa sobre o Corona vírus. Nos grupos de *WhatsApp*, segundo a Agência Lupa, que atua realizando *fact checking* de informações que circulam na internet, cerca de apenas 8% das imagens eram verdadeiras em uma análise realizada em 347 diferentes grupos nessa rede social de mensagens instantâneas (MIRANDA; SANTOS, 2021, p. 143).

A relação entre desinformação causada pelas *fake news* e a pandemia é discutida em parte das coleções analisadas, revelando a atualidade e integração das discussões.

O tema pandemia constituiu um novo marco sobre a discussão acerca das *fake news*, uma vez que transformou o anticientificismo e o conspiracionismo como um *modus operandi*, mas, mantendo, também, o teor político dessas notícias falsas¹¹. Rosemary Segurado, por exemplo, discorre amplamente sobre o tema, apresentando o fenômeno da *infodemia*, isto é “um excesso de explicações que circulavam nas mais diversas mídias” e que “não se trata apenas de notícias falsas ou desinformação” (SEGURADO, 2021, p. 15). Nessa enxurrada de notícias, muitas *fake news* circularam tanto na mídia tradicional¹² como nas mídias alternativas, especialmente

¹¹ A pandemia de Covid-19 tem um grande impacto na bibliografia sobre as *fake news*, deslocando o polo de análise dos processos políticos, como vimos anteriormente, para esse tema. Isso fica bastante patente nos textos escritos antes e depois da pandemia. Em nosso trabalho, optaremos por analisar os aspectos gerais dessa nova dimensão das *fake news*, sempre tendo como direcionamento aqui o que os livros didáticos nos apresentam, uma vez que as coleções foram produzidas nesse momento inicial da pandemia.

¹² Podemos citar como exemplo um caso que envolveu duas das maiores emissoras de TV aberta do Brasil: Globo e SBT. A apresentadora do SBT Mara Maravilha afirmou em rede nacional que o carregamento de máscaras adquiridas pelo Governo Federal em abril de 2020 que estaria chegando da China, já estava contaminado com o Corona vírus. A apresentadora alegou ter recebido a informação em um grupo de *WhatsApp*. O Jornal Nacional, da emissora Rede Globo, apresentou essa notícia dois dias depois, esclarecendo que se tratava de uma *fake news*. No entanto, a desconfiança em relação às máscaras já estava sendo percebidas, como aponta a reportagem exibida no dia 01/05/2020 no noticiário. Mesmo o programa apresentado por Mara Maravilha sendo voltado para o entretenimento, a veiculação de uma informação como essa em rede nacional ecoou em diversos públicos até ser desmentida jornalisticamente por outra emissora. (Em:

nas redes sociais de compartilhamento de mensagens instantâneas, onde a circulação e a reprodução orgânica tornavam difícil qualquer tipo de controle. Além disso, as políticas públicas oficiais e as falas de algumas autoridades endossavam o discurso anticientificista, anti-intelectualista e negacionista da pandemia, o que fomentou mais ainda a produção dessas *fake news*.

Esse fenômeno aconteceu em diversos locais. No Brasil, Segurado afirma

Em lives, programas realizados semanalmente por um canal do YouTube, [o presidente] Bolsonaro mais parecia um propagandista da cloroquina, nunca desistiu de defender o tratamento precoce, que consistia no uso de cloroquina e ivermectina (as mais populares), nitaxoxanida, zinco, remdesivir, azitromicina. [...] Bolsonaro sempre afirmava que havia consultado médicos de diversas especialidades que também recomendavam essa prescrição. (SEGURADO, 2021, p. 23).

Já nos Estados Unidos, podemos citar a notícia de 24 de abril de 2020, sobre o caso do então presidente Donald Trump ter sugerido a injeção de desinfetante contra o coronavírus¹³.

O uso político das *fake news* está relacionada, também, com a discussão sobre bolhas sociais e pós-verdade. As bolhas são os “isolamentos coletivos” resultantes da personalização que os algoritmos realizam partindo dos registros e preferências que os indivíduos produzem no mundo digital. Santaella (2018) trabalha a partir dos termos “câmera de eco” e “molduras ideológicas” ao abordar o tema. Para a autora, as mídias sociais “promovem a segregação ideológica, pois o usuário acaba por se expor quase exclusivamente a visões unilaterais dentro do espectro político mais amplo” (SANTAELLA, 2018, p.15)¹⁴.

A proliferação das bolhas sociais está relacionada, por seu turno, ao fenômeno da pós-verdade (*post-truth*), eleita a palavra internacional do ano de 2016 pelo Dicionário Oxford, termo que significa “circunstâncias nas quais fatos objetivos são

<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/jornal-nacional-exibe-fake-news-que-motivou-campanha-contra-mara-maravilha-no-sbt-36351>. Acesso em 14/09/2023).

¹³ A fala do então presidente dos Estados Unidos sugeria uma “limpeza interna” com o uso do desinfetante e também de luz ultravioleta. Trump afirmou: “Eu vi que o desinfetante dá um nocaute (no coronavírus) em um minuto. Um minuto. Talvez seja possível, talvez não seja. *Eu não sou médico*”. (grifo nosso). Em: <https://g1.globo.com/google/amp/mundo/noticia/2020/04/24/trump-fala-em-injecao-de-desinfetante-contra-coronavirus-e-medico-rebate-irresponsavel-e-perigoso.ghtml>. Acesso em 03/04/2023).

¹⁴ A autora conclui “Quando muito arraigada devido à repetição ininterrupta do mesmo, a unilateralidade de uma visão acaba por gerar crenças fixas, amortecidas por hábitos inflexíveis de pensamento, que dão abrigo à formação de seitas cegas a tudo aquilo que está fora da bolha circundante. Isso acaba por minar qualquer discurso cívico, tornando as pessoas mais vulneráveis a propaganda e manipulações, devido à confirmação preconceituosa de suas crenças”. (SANTAELLA, 2018, p.16).

menos influentes na opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal” (SANTAELLA, 2018, p.48). Em uma relação de retroalimentação, as *fake news* dialogam e se aproveitam desses dois processos comunicativos que integram as mídias sociais. A sua produção e circulação dependem muito dessa descrença nos regimes tradicionais de verdade e da radicalização ideológica que busca apenas as confirmações de suas visões de mundo. Esse aspecto se torna mais um elemento que reforça o argumento de que as *fake news* são resultados do contexto histórico atual.

As *fake news* são, assim, parte integrante desse processo mais amplo, uma vez que servem como base para fomentar esse pensamento anticientificista, negacionista e anti-intelectual em larga escala. A perda do referencial da verdade factual (BUCCI, 2019) se torna uma ameaça na medida em que a chamada pós-verdade – ou os “fatos alternativos”, utilizando a expressão cunhada pela Conselheira do governo Trump, Kellyanne Conway, em 2017 – vem ganhando cada vez mais força no âmbito social. Movimentos como o anti-vacina ou o terraplanismo, além de outros movimentos conspiratórios, partem dessa perspectiva negacionista da realidade.

Dessa maneira, tomamos, novamente, as *fake news* como elemento típico de um momento histórico em que o anticientificismo tornou-se uma pauta com espaço em diversos setores da sociedade que utilizam as mídias alternativas em grande escala, fomentando o pensamento antidemocrático, uma vez que se atrelaram aos discursos políticos extremistas e negacionistas. Esse recorte histórico só se apresenta como possível devido à infraestrutura técnica que as *big techs* oferecem e, também, aos fatores econômicos que são resultados desses processos.

2.2 - O debate sobre o conceito de *Fake News*

O debate nos campos da Filosofia, da Comunicação Social e do Jornalismo sobre a chamada pós-verdade e os movimentos de desinformação¹⁵ -

¹⁵ Helena Martins (2022, p.10) opta por utilizar esse conceito como algo “com o qual se busca ressaltar a intencionalidade na produção e na propagação de informações falsas, equivocadas ou descontextualizadas para provocar uma crise comunicacional e, assim, obter ganhos econômicos e/ou políticos” em vez do conceito de *fake news*, pois, continua a autora, “o fenômeno da desinformação sofre um esvaziamento analítico quando é resumido à questão da ‘notícia falsa’ e confundido com outras formas de distorção dos fatos, como a sátira e a paródia, ou com conteúdos identificados a determinadas posições ideológicas.” (MARTINS, 2020, p. 10).

conceito utilizado para definir todas essas falsificações que têm como objetivo enganar e/ou lesar propositalmente visando atingir determinados fins, tais como as teorias da conspiração, os embustes, os *hoax* e, mais recentemente, as *fake news* - buscam situar os limites, impactos e consequências dessas falsificações tanto no âmbito político como no social. Compreendemos que as *fake news* fazem parte da desinformação, porém, respeitando o que a documentação, no caso as coleções de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do PNLD 2021, apresenta tratando apenas do conceito de *fake news*, não estenderemos exaustivamente a discussão sobre o conceito de *desinformação*.

Alves e Maciel (2020, p. 152) apresentam um quadro sintetizando as principais definições do conceito de *fake news*, citando quatro das principais definições:

[1] *Fake news* representa informações de várias vertentes que são apresentadas como reais, mas são claramente falsas, fabricadas, ou exageradas ao ponto em que não mais correspondem à realidade. [2] O termo *fake news* é agora comumente aplicada para histórias enganosas, espalhadas de forma maliciosa por fontes que se fingem legítimas. [3] *Fake news* se apresentam como sites que deliberadamente publicam farsas, propagandas e desinformação que se pretende como notícias verídicas. [4] *Fake news* são coisas inventadas, magistralmente manipuladas para parecerem notícias jornalísticas críveis, que são facilmente espalhadas online para amplas audiências propensas a acreditar nas ficções e espalhar a verdade (ALVES; MACIEL, 2020, p. 152. Adaptado).

Mesmo diante de todas essas possibilidades de definir o fenômeno, os autores optam metodologicamente pela definição apresentada por Meneses, pois, esta engloba todos esses aspectos e acrescenta que as *fake news* também se referem a “não só textos, mas também vídeos, memes e imagens compartilhadas.” (ALVES; MACIEL, 2020, p. 152), além de considerar que as *fake news* existem na esfera da internet e possuem a intenção do dolo. (*idem*).

Fake news são notícias falsas nas quais existe uma ação deliberada para enganar os consumidores. Não coincide com o conceito de *false news*, que por sua vez, não partem de ação deliberada, mas de incompetência ou irresponsabilidade de jornalistas na forma como trabalham informações fornecidas por suas fontes.” (MENESES *apud* ALVES; MACIEL, 2022, p.152)

Apesar de não existir, como vimos, um consenso sobre a definição de *fake news*, optamos pela definição de Greifeneder et al (2021): *fake news* como notícias/informações deliberadamente falsas produzidas com o objetivo principal de

atender a interesses específicos e atingir pessoas, grupos sociais, organizações, etc. através de uma linguagem que mexe com os sentimentos do leitor (geralmente, buscam causar comoção, revolta ou indignação com a situação posta). Elas se utilizam de uma linguagem jornalística, muitas vezes se apropriando dos *layouts* de sites reais que possuem credibilidade com o público para passar uma sensação de veracidade aos seus leitores. Contudo, elas não podem ser classificadas como notícias jornalísticas, pois já são criadas com o objetivo de enganar. Além disso, um dos aspectos principais dessas notícias é o anonimato de quem as produziu e a sua origem, o que impossibilita a sua correção ou a sua responsabilização, o que é possível na produção tradicional.

Além disso, as *fake news* estão relacionadas ao modo como a mídia tradicional, isto é, rádio, jornal e televisão, está perdendo espaço com o avanço das novas tecnologias e das novas formas de se comunicar. Esse fenômeno é definido pelo cientista político norte-americano Peter Warren Singer (2019) como “disrupção da mídia”, o que abre margem para que cada indivíduo se torne um detentor da *verdade até então desconhecida*, “é como ter o próprio jornal”, afirma Singer citando falas de Donald Trump e LeBron James¹⁶. Esse processo fomenta a produção e circulação de informações e desinformações em meios de comunicação alternativos, como as redes sociais e os aplicativos de mensagens instantâneas, como o WhatsApp e o Telegram. A legislação incipiente sobre a regulação desses canais alternativos dificulta, ainda, a responsabilização sobre a produção desse tipo de conteúdo.

No campo das Ciências Sociais, podemos perceber esse fenômeno da disrupção da mídia muito associado ao conceito de *confiança*, desenvolvido por Anthony Giddens (1991), segundo o qual a descrença nos chamados *sistemas peritos* - aqui, no caso, a mídia tradicional - resulta em uma quebra na relação de confiança entre agência e agentes, gerando, assim, uma busca de soluções alternativas que retomem essa confiança.

Luís Felipe Miguel (1999), discutiu as diversas formas que o jornalismo, “entendido no sentido amplo, isto é, difusão de notícias por quaisquer meios” (MIGUEL, 1999, p.197), pode ser analisado enquanto um sistema perito¹⁷. Segundo o

¹⁶ “Os três disseram amar as redes sociais pois é como ter o seu próprio jornal.” (SINGER, 2019).

¹⁷ O autor cita a definição de sistema perito como sendo “[...] sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje”. (GIDDENS *apud* MIGUEL, 1999, p.198).

autor, os sistemas peritos apresentam dois principais traços, são eles: a) “o elevado grau de autonomia em relação àqueles que lhes estão submetidos”; e b) “[os sistemas peritos] implicam, da parte dos clientes ou consumidores, uma crença em sua competência especializada”. (MIGUEL, 1999, p. 198).

Sobre o primeiro aspecto, o qual se refere à autonomia dos sistemas em relação aos clientes/consumidores, podemos analisar que as *fake news* representam uma tentativa de romper essa unilateralidade de sentimentos produzidos pelos sistemas peritos e “fornecer” outras reações àquilo que é apresentado ao cliente/consumidor. Como as *fake news* visam, também, alcançar o lado emocional dos leitores, estruturas narrativas alternativas às da mídia tradicional causam impactos diferentes, o que resulta em uma aceitação maior nos setores insatisfeitos com as narrativas jornalísticas tradicionais.

Sobre o segundo aspecto, partindo de uma série de insatisfações do público consumidor com a forma que as informações são transmitidas, especialmente no que concerne a uma esperada imparcialidade dos meios jornalísticos, as *fake news* representam uma desconfiança em relação à competência desse sistema em suas três principais características apresentadas por Miguel:

O leitor/ouvinte/espectador, no papel de consumidor de notícias, mantém em relação ao jornalismo uma atitude de confiança, similar à dos outros sistemas peritos, que pode ser dividida em três momentos: 1) confiança quanto à veracidade das informações relatadas; 2) confiança quanto à justeza na seleção e hierarquização dos elementos importantes ao relato; 3) confiança quanto à justeza na seleção e hierarquização das notícias diante do estoque dos ‘fatos’ disponíveis.” (MIGUEL, 1999, p.199).

Assim, a necessidade da busca por alternativas no campo jornalístico representa a quebra ou a diminuição da confiança na sua *expertise* enquanto sistema perito. Isso fomenta, juntamente ao caráter anterior, a busca por novos sentimentos/reflexões.

Além de todas essas questões apresentadas, a descrença nos sistemas peritos pode servir como um possível trajeto para compreendermos as motivações que levam os indivíduos a acreditarem nessas *fake news*, mesmo quando a realidade factual aponta para outro caminho. Ao romperem com a ideia de sistema perito, os produtores/consumidores de *fake news* rompem, também, com a lógica de

racionalização que o *sistema perito* oferece e que é intrínseco à sua existência¹⁸. Nesse momento, o conceito de socialização poderá nos ajudar a compreender essas trajetórias e as múltiplas dimensões subjetivas que perpassam o estudo sobre *fake news*.

Essa perspectiva da confiança e a descrença nos sistemas peritos também engloba as relações interpessoais da mídia tradicional, como aponta Jacques Mick (2017), no qual o interlocutor, o agente de transmissão da notícia, seja o jornalista e/ou o repórter, carrega em si mais confiabilidade do que o próprio veículo de comunicação, “como peritos que atuam em instituições imperfeitas” (MICK, 2017, p.15), isso representa bastante a dimensão do “personalismo” dentro desse processo. Dessa maneira, dentro do contexto das *fake news* percebemos como a confiança, assim como essa noção de que determinadas pessoas são suficientemente capacitadas para representar uma verdade para além das agências tradicionais de mídia, influencia diretamente na produção e na circulação do fenômeno das *fake news*.

No entanto, existe ainda uma discussão sobre o papel das *fake news* no processo de crise global dos sistemas representativos, como as democracias. Aqui, apontaremos os argumentos, novamente, de Evgeny Morozov (2018), de Marco Antônio Lopes e Emanuella Maciel (2020).

O autor bielorrusso, citado anteriormente, acredita que as *fake news* são apenas a ponta do iceberg, um “subproduto do capitalismo digital”, no qual os problemas estão localizados em “duas negações que condenam a democracia à imaturidade perpétua”: a primeira refere-se à “negação das origens econômicas da maior parte dos problemas de hoje” e a segunda refere-se à “negação da corrupção inerente à expertise profissional” (MOROZOV, 2018, p. 183-184). As origens econômicas são apresentadas pelo autor como um deslocamento da responsabilização de questões econômicas para questões culturais, como a moralidade, por exemplo, tópico bastante discutível ao pensarmos sobre o cenário brasileiro. A segunda negação aborda aquilo que chamamos anteriormente de disrupção da mídia. Porém, o autor se encaminha para defesa da necessidade de uma autocrítica das grandes agências de mídia, especialmente após perderem

¹⁸ Miguel, em uma breve comparação entre Giddens e Foucault, caracteriza os sistemas peritos como “promotores de bem-estar e de racionalização, [...] como parte integrante da ‘modernização reflexiva’, um mundo de democracia e bem-estar em que o progresso da autoconsciência alavanca a ampliação da liberdade.” (MIGUEL, 1999, p.199).

espaço para as *big techs*. A falta de regulação e dessa autocrítica aumenta a descrença nesses modelos, nessa *expertise*.

Partindo de caminhos semelhantes, Marco Antônio Lopes e Emanuella Maciel (2020) defendem também o redimensionamento da real importância da *fake news*, não como causadora, mas sim como elemento integrante de um processo mais complexo. Os autores afirmam que

[...] as *fake news* não devem ser sobrevalorizadas e tomadas como a causa única de experiências históricas complexas como o *Brexit* ou a eleição de Donald Trump. Defender tal perspectiva seria desconsiderar todo o contexto atual de capitalismo digital, ignorar uma série de especificidades culturais e oferecer uma visão reducionista que oculta as múltiplas razões que tiveram papel relevante na conformação desses votos. (LOPES; MACIEL, 2020, p.150).

Assim, percebemos, também, que além das discussões acerca das definições sobre o conceito de *fake news*, temos uma discussão sobre a sua real importância no recorte histórico atual. Dentro de nossa proposta, não aprofundaremos muito essas discussões teóricas sobre o papel e importância das *fake news* dentro desse contexto global de desinformação, uma vez que as nossas fontes, isto é, os livros didáticos, apresentam a importância dentro dos recortes apresentados em cada coleção. Essa orientação segue o mesmo propósito da escolha do conceito *fake news* em vez do conceito de *desinformação*, como discutido anteriormente.

Com efeito de encerramento dessa parte do texto, sintetizamos a discussão sobre *fake news* partindo da definição de Greifeneder (2021), perpassando pelos recortes históricos e sociais - o capitalismo digital/tecnológico e o uso político em larga escala das *fake news* -, compreendendo as limitações reais das *fake news* dentro de um processo maior de desinformação e levaremos como aporte teórico dentro do campo das Ciências Sociais os conceitos de, reflexividade, sistemas peritos e *confiança* de Anthony Giddens.

2.3 - Fake News, escola e sociedade

Para compreender a relação entre *fake news*, escola e sociedade, analisamos também a relação desses temas com o currículo e o livro didático visando contextualizar e reiterar a importância do tema *fake news* enquanto conteúdo. Partimos de discussões sobre os sentidos da escola, tendo como aporte textos de

Louis Althusser (2022) e Pierre Bourdieu (2015); currículo, tendo como referencial teórico Michael F. D. Young (2007 e 2011); e, por fim, a discussão sobre a hierarquia social dos objetos, a partir, novamente, da perspectiva de Pierre Bourdieu. Essa discussão se torna mister ao observarmos o teor do tema *fake news* dentro do contexto político e social contemporâneo, pois, como o autor afirma

A hierarquia dos objetos legítimos, legítimáveis ou indignos é uma das mediações através das quais se impõe a *censura* específica de um campo determinado que, no caso de um campo cuja independência está mal afirmada com relação às demandas da classe dominante, pode ser ela própria a máscara de uma censura puramente política. (BOURDIEU, 2015, p.37).

Assim, partimos de alguns pontos gerais, além da relação do tema em si com o ensino de Sociologia, como o conceito de *fake news* e o seu uso político, tema discutido amplamente no presente capítulo; plataforma, sociedade e educação; *fake news*, o anticientificismo e o negacionismo; o Novo Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular como programa político; e, por fim, o livro didático.

2.3.1 - Fake News, anticientificismo e o negacionismo

A escola, em linhas gerais, vem sofrendo bastante com o discurso negacionista e anticientificista que encontra nas plataformas um campo de proliferação. A discussão sobre as *fake news* dentro do contexto das Ciências Humanas e do Novo Ensino Médio está ligada diretamente ao debate sobre o cientificismo e, conseqüentemente, o anticientificismo, que cada vez mais vem pressionando o campo intelectual brasileiro. Como defende Maria Caraméz Carlotto (2019), o anticientificismo em si já constitui um programa político-teórico-educacional por excelência e este ganhou mais força após a eleição de 2018, onde buscou-se modificar as matrizes do pensamento intelectual na sociedade¹⁹.

As disputas dentro desse campo científico vão desde os vários ataques aos professores, seja com a censura – projetos como o

¹⁹ Podemos tomar como exemplos as ações e falas do então ministro da educação Abraham Weintraub, que em abril de 2019, cortou a verba de três universidades federais que, segundo ele, estariam promovendo “balbúrdia”, além de ter afirmado que as universidades federais teriam “plantações extensivas de maconha”, com o intuito de deslegitimar o saber científico produzido nas universidades federais. (Em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53058067>. Acesso em 15/07/2024).

“Escola Sem Partido” e o “pedido” de políticos de direita e extrema-direita para que os alunos filmem os professores, especialmente os de Ciências Humanas, em sala de aula²⁰ – ou com o negacionismo, até políticas públicas que minam o papel do professor dentro do processo de ensino-aprendizagem. Essa situação se agrava quando perfis e canais nas redes sociais produzem e põem em circulação conteúdos aparentemente educacionais, mas que na verdade se tratam de desinformação. Por outro lado, o “notório saber” reforçado por esses comunicadores, diletantes na maioria dos casos, reduz a educação à mera reprodução de práticas quase que mecânicas - o pragmatismo denunciado por Kuenzer (2017) - no qual a figura do professor se torna desnecessária.

Observamos, também, seguindo a lógica da plataformização da sociedade, a proliferação de canais e perfis que abordam conteúdos educacionais nas redes sociais, como o “Canal Nostalgia”, que aborda conteúdos de História, como Segunda Guerra Mundial e Ditadura Militar, por exemplo, Débora Aladim, também voltado para História, mas que se descreve como “*youtuber* de educação”, entre tantos outros perfis. O grande problema analisando essa dimensão da plataformização é o surgimento e consolidação de canais que não obedecem a um rigor científico na sua produção e outros abertamente voltados para a desinformação, como os canais Brasil Paralelo e Fatos Desconhecidos, citados por professores e estudantes.

O impacto desse tipo de conteúdo, que geralmente tem uma produção com qualidade profissional e de fácil viralização, por saber dialogar com os algoritmos e as *hashtags*, pode ser extremamente prejudicial devido à velocidade com que esses conteúdos circulam. O trabalho docente é fundamental para que essas desinformações sejam enfrentadas, mesmo que seja apenas para reduzir os danos.

2.3.2 - Currículo, Novo Ensino Médio e BNCC

As discussões acerca de toda e qualquer reforma educacional, seja ela estrutural, seja ela curricular, fomenta uma miríade de análises que perpassam as diversas esferas da sociedade. Como afirma Young (2011, p. 611):

Políticas curriculares desenvolvem-se, inevitavelmente, em contextos sociais, políticos e econômicos” e isso tem reflexo direto naqueles conhecimentos

²⁰ Um dos exemplos recentes mais relevantes foi o caso da deputada estadual de Santa Catarina, Ana Caroline Capagnolo, então no PSL, partido de alinhamento ideológico de direita e com aspectos de extrema-direita. A deputada incitou os seus seguidores, via redes sociais, a gravarem professores que estejam fazendo “manifestações político-partidárias ou ideológicas” e enviarem esses vídeos a um número exclusivo para essas denúncias. (Em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/eleicoes/2018/noticia/2018/10/29/deputada-estadual-do-psi-eleita-por-sc-incita-alunos-a-filmar-e-denunciar-professores.ghtml>. Acesso em 23/09/2023).

“que um país considera importante que esteja ao alcance de todos os estudantes (YOUNG, 2011, p. 612).

Com a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ligada ao Novo Ensino Médio, novos temas foram elencados como importantes para se tornarem parte do currículo. Dentre eles, está o conteúdo didático *fake news*, escopo de nosso trabalho. Esse tema apresenta-se como importante por seu papel no campo político e social, o que o qualifica ao *status* de currículo.

Dessa maneira, ao observarmos os volumes dentro de cada coleção onde o tema das *fake news* é abordado, percebemos que há uma forte relação entre esse tema e as questões de poder e política, variando de acordo com as perspectivas teórico-ideológicas dos autores, o que é percebido de maneira diluída ao longo das coleções.

Ao observarmos o grande número de obras que tratam o tema *fake news* apenas de maneira superficial ou evitando relacionar com a realidade local brasileira, percebemos que há um projeto político que corrobora com aquilo que Pierre Bourdieu (2015) chama de escola conservadora, pois, além da escola ser “um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais” (BOURDIEU, 2015, p. 45), ela contribui para que o pensamento social crítico seja limitado, especialmente para aqueles estudantes que não dispõem da herança e/ou do capital cultural que tanto influenciam no *cursus*, tornando-se mais um mecanismo de eliminação.

Além disso, ao se integrarem a um programa político-pedagógico norteador, como é a BNCC, os livros didáticos contribuem para a manutenção e reprodução de uma série de interesses ocultos participantes na construção desse documento que revelam uma visão de escola e sociedade bastante específica, atendendo, em sua maioria, aos interesses dos grupos que estiveram por trás de sua elaboração.

Partimos das análises de Acácia Kuenzer (2017), de Vânia Cardoso da Motta e Gaudêncio Frigotto (2017), os quais indicam o caráter pragmático e alinhado a práticas neoliberais que permeiam o Novo Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular.

Nessa perspectiva, percebemos o Novo Ensino Médio e a BNCC como partes integrantes de uma política de cunho neoliberal: a “urgência” da sua aprovação durante o governo de Michel Temer, o alinhamento com instituições privadas interessadas na educação pública, como o Instituto Unibanco, a Fundação Ayrton

Senna, a Fundação Bradesco, a Fundação Lemann, entre outras (MARTINS, 2016). Essa ótica da educação a partir do viés econômico fica presente nos livros didáticos quando observamos o espaço que o empreendedorismo tem nas obras e no próprio texto da BNCC.

Dessa maneira, as demandas econômicas e empresariais que norteiam o Novo Ensino Médio influenciam diretamente o currículo e a materialidade na educação básica. Partindo dessa perspectiva de viés neoliberal na educação, observamos que a exploração do debate sobre *fake news* segue um alinhamento aos interesses políticos desses grupos, o que interfere direta e indiretamente no modo como esse tema é apresentado em determinadas coleções²¹: as de perspectivas mais conservadoras, abordam o assunto de maneira desconectada da realidade e dos processos políticos inerentes à sua produção, enquanto as de perspectivas mais progressistas fazem essa ligação, inclusive relacionando *fake news* e a ultradireita.

2.3.3 - O livro didático

Por fim, interligado a todos os tópicos anteriores, temos o livro didático que, segundo Michael W. Apple e Anita Oliver (2013, p. 269) “fornece um ponto de apoio ideal para revelar a dinâmica que está por trás das políticas culturais da educação e dos movimentos sociais que as formam e que, ao mesmo tempo, são por elas formadas”.

Sobre essa questão, os livros didáticos, seguindo a análise de Meucci:

[...] são, porém, recurso valiosos para a compreensão da dinâmica de constituição de um repertório estável de conceitos, autores, temas e problemas de determinada disciplina entre membros da sociedade em geral. Nesse sentido, [...] a função escolar do livro didático faz dele um bem cultural bastante complexo e um lugar privilegiado para compreender mecanismos e estratégias de produção e circulação de conhecimento na sociedade. (MEUCCI, 2014, p.211).

Como embasamento metodológico para a melhor compreensão das múltiplas dimensões que perpassam a produção dos livros didáticos, utilizamos as propostas

²¹ O tema *fake news* está presente em todas as coleções submetidas, como conteúdo didático. No entanto, esse tema varia de maneira substancial de acordo com a perspectiva de cada obra, ora sendo feita uma análise bem estruturada e com um rigor teórico-metodológico mais crítico - inclusive identificando a prática do uso das *fake news* a grupos de “ultradireita” -, ora apenas como um excerto no canto da página de um outro conteúdo, muitas vezes deslocados do contexto em que elas surgiram.

recentes de Simone Meucci (2020) sobre a análise social dos livros didáticos a partir da Sociologia do Conhecimento, numa lógica configuracional baseada em Nobeit Elias. Essa perspectiva possui três eixos centrais no seu desenvolvimento: *sistematização*, *institucionalização* e *rotinização*. Cada eixo torna-se uma etapa que fundamenta a compreensão da produção do livro didático desde a sua elaboração até a sala de aula, sejam essas etapas políticas, mercadológicas ou puramente estéticas.

Esses elementos demandam uma apuração sobre o processo de elaboração dos livros didáticos, os seus atores, as perspectivas editoriais e de mercado. Partindo desse ponto, convém apresentar uma breve síntese do método de análise proposto por Simone Meucci: sistematização, institucionalização e rotinização.

A 'sistematização' refere-se ao processo da constituição e articulação entre produtores e receptores do conhecimento. [...] 'institucionalização' é a definição de uma estrutura organizada com regras fixas que se traduz, ora como aparato legal com a finalidade de validar meios e regras para certificação, ora como um gênero próprio de abordagem e de demonstração. [...] a 'rotinização' [...] diz respeito à propriedade de manter a articulação dos agentes e a ossatura organizacional e formal em condições que possibilitam a repercussão regular sedimentando um estatuto estável ao campo do conhecimento (MEUCCI, 2020, p.5-6).

Partindo dessa perspectiva, a análise do livro didático leva em consideração, também, o seu papel como política pública que mobiliza o mercado editorial: o valor investido no Programa Nacional do Livro Didático, "programa de avaliação, aquisição e distribuição de livros didáticos para alunos das escolas públicas brasileiras" (MEUCCI, 2014, p.209) representa uma fatia considerável do mercado editorial brasileiro, sendo que a edição do ano de 2021, referente ao triênio 2022-2024 e primeira aquisição do Novo Ensino Médio. Segundo o Portal da Transparência do Governo Federal, o investimento total foi de R\$ 1.770.404.061,00, referente à compra de 117.086.406 livros, sejam impressos ou em formatos acessíveis²². Esse elemento contribui diretamente para o resultado final das obras, uma vez que elas buscam atender todas as demandas mínimas para participarem do PNLD. No entanto, como analisaremos na próxima seção, os resultados possuem significativas diferenças.

Dessa maneira, ao analisarmos *como* o tema *fake news* é abordado nas coleções submetidas à avaliação, estamos analisando também todos os processos

22

Dados

disponíveis

em:

<https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/transparencia-e-prestacao-de-contas/relatorio-de-gestao-1/relatorio-de-gestao-2022/resultados-da-gestao-1/programas-para-a-educacao-basica/livro-e-material-didatico>. Acesso em 23/09/2023.

sociais, econômicos, políticos e educacionais que estão inseridos na sua produção. Isso nos oferece um panorama completo para entender as múltiplas abordagens que já observamos nas análises iniciais dessas obras.

As muitas disputas em torno do currículo, da escola e da sociedade acabam por revelar o papel determinante que a instituição escolar possui e o seu poder social. Ao analisar em seu conjunto, conseguimos visualizar as múltiplas contradições existentes no processo, assim como os seus agentes e suas agências. Por contar com uma “audiência obrigatória”, nos termos de Althusser (2022, p. 88), a escola torna-se um objeto de disputa ideológica e econômica. Sobre esse tópico, como afirma Young (p. 1291, 2007), “com as escolas sendo controladas por metas, tarefas e tabelas comparativas de desempenho, não é de se espantar que os alunos fiquem entediados e os professores sintam-se desgastados e apáticos”. Isso favorece e facilita os ensejos por mudanças no currículo. Nesse momento é que a escola entra em disputa, tensionando as relações sociais, nas quais o mercado acaba por tomar as principais decisões.

Dessa forma, ao observamos essas múltiplas dimensões que perpassam a análise do tema das *fake news* nos livros didáticos, observamos que a escola, nesse contexto, acaba por corroborar com a perspectiva da escola conservadora, que mantém e reproduz as lógicas de uma governamentalidade neoliberal (MIGUEL; TOMAZETTI, 2013): fomenta a produção de mão de obra minimamente qualificada e adaptada ao mercado flexível e incerto que as mudanças neoliberal propõem; e ideologicamente ligada a grupos reacionários da sociedade - que estiveram, inclusive, ligados diretamente à produção da BNCC e da reforma do Ensino Médio -, reduzindo, assim, a possibilidade de se constituir em um instrumento emancipatório que modifique, de fato, as estruturas sociais.

Longe de qualquer proselitismo político, a escola e o currículo devem debater de maneira clara e amparada na realidade concreta para que os doutrinamentos e charlatanismos não tomem lugar em um espaço que tem um papel social significativo, mesmo com todo o seu aspecto limitante e excludente. O tema *fake news* como conteúdo didático ajuda a visualizar onde a discussão se encontra atualmente e quais possíveis caminhos ela pode tomar. Como reitera Bourdieu: “A ciência não toma partido na luta pela manutenção ou subversão do sistema de classificação dominante, ela o toma por objeto” (BOURDIEU, 2015, p.40). Devemos dessacralizar essas questões sem jamais ignorar as contradições do processo.

CAPÍTULO II - FAKE NEWS COMO CONTEÚDO DIDÁTICO NAS COLEÇÕES DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS DO PNLD 2021

Esse trabalho tem como um dos objetivos discutir o tema *fake news* como conteúdo didático nas coleções de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas submetidas à avaliação no PNLD 2021. A análise dos livros didáticos que foram submetidos à escolha nas escolas do Ensino Médio tem como principais eixos: o título da coleção; a editora; os autores da coleção; a formação dos autores; a definição de *fake news*; se há atividades sobre o tema; e, por fim, o conteúdo em que o tema é apresentado²³.

As tabelas estão divididas da seguinte maneira: 1) “Quem produziu as coleções”: aqui são analisados os autores e as suas formações visando compreender se a formação desses autores pode ou não influenciar o conteúdo produzido; 2) “Definições de *fake news*”: nessa tabela buscamos apresentar as definições do conceito apresentadas em cada uma das coleções ou a sua ausência; 3) “Atividades e outras abordagens envolvendo o tema *fake news*”: aqui observamos a existência ou não de propostas de atividade envolvendo o tema *fake news*, seja uma atividade direta ou algum projeto mais complexo, assim como as variadas como o tema é abordado, se é relacionado com alguma outra temática ou outro contexto histórico, etc; 4) “Quadro-síntese das coleções”: por fim, a última tabela tem como objetivo sintetizar quantitativamente os quatro aspectos analisados nas coleções visando oferecer um panorama geral de como o tema está presente nas 14 obras.

Essas coleções estão classificadas da seguinte maneira:

Tabela 1 - Quem produziu as coleções

COLEÇÃO	AUTORES
Conexão Mundo (Editora do Brasil, 2020)	- Leandro Alves Gomes (Bacharel e Licenciado em Geografia); - Natália Salan Marpica (Doutora em Sociologia); - Priscila D’Almeida Manfrinati (Mestra em Ciências Humanas);

²³ Por questões metodológicas, visando priorizar os aspectos que consideramos mais importantes na análise das coleções, a divisão interna de cada uma delas será apresentada na seção de anexos (Anexo A).

	- Sabina Maura Silva (Doutora em Educação).
Conexões (Editora Moderna, 2020)	- Gilberto Contrim (Mestre em História); - Ângela Correia da Silva (Mestra em Educação); - Ruy Lozano (Licenciado em Ciências Sociais); - Alexandre Alves (Doutor em História); - Letícia Fagundes de Oliveira (Mestra em História); - Marília Moschkovich (Doutora em Educação).
Contexto e Ação (Editora Scipione, 2020)	- Igor José de Renó Machado (Doutor em Ciências Sociais); - Henrique Amorim (Doutor em Ciências Sociais); - Fabiana Sanches Grecco (Doutora em Ciência Política); - Leandro Galastri (Doutor em Ciência Política); - Cassiano Terra Rodrigues (Doutor em Filosofia); - Glaydson José da Silva (Doutor em História).
Diálogo (Editora Moderna, 2020)	- Julieta Romeiro (Doutora em Sociologia); - Maria Raquel Apolinário (Bacharel e Licenciada em História); - Ricardo Melani (Mestre em Filosofia); - Silas Martins Junqueira (Bacharel e Licenciado em Geografia).
Diálogos Em Ciências Humanas (Editora Ática, 2020)	- Cláudio Vicentino (Bacharel em Ciências Sociais); - Eduardo Campos (Mestre em Educação); - Eustáquio de Sene (Doutor em Geografia).
Humanitas.doc (Editora Saraiva, 2020)	- Ronaldo Vainfas (Doutor em História); - Sheila de Castro Faria (Doutora em História); - Jorge Ferreira (Doutor em História).
Identidade em Ação (Editora Moderna, 2020)	- Leandro Karnal (Doutor em História); - Luiz Estevam de Oliveira Fernandes (Doutor em História); - Isabela Backx (Doutora em História); - Felipe de Paula Góis Vieira (Doutor em História); - Marcelo Abreu (Doutor em História); - Alice de Martini (Mestra em Sustentabilidade); - Eliano Freitas (Doutor em Geografia); - Rogata Soares Del Gaudio (Doutora em Educação); - Cristina Costa (Doutora em Antropologia).
Interação Humanas (Editora do Brasil, 2020)	- Judith Nuria Maida (Graduada em Geografia); - Adhemar Marques (Especialista em História);

	<ul style="list-style-type: none"> - Amarildo Diniz (Graduado em Geografia); - Flávio Berutti (Mestre em História); - Júlia O'Donnell (Doutora em Antropologia); - Maurício Prada (Doutor em História); - Paulo Crispim Alves de Souza (Mestre em Ciências Humanas e Sociais); - Paulo Edison de Oliveira (Mestre em Ciências Sociais); - Pedro M. C. Oliveira (Graduado em Geografia); - Sílvia Panazzo (Graduada em História e Pedagogia); - Vítor H. Schwartz (Pós-doutor em Filosofia).
Moderna Plus (Editora Moderna, 2020)	<ul style="list-style-type: none"> - Patrícia Ramos Braick (Mestra em História); - Myriam Becho Mota (Mestra em Relações Internacionais); - Lygia Terra (Licenciada em Geografia); - Regina Araújo (Doutora em Geografia); - Raul Borges Guimarães (Doutor em Geografia); - Maria Lúcia de Arruda Aranha (Bacharela e Licenciada em Filosofia); - Afrânio Silva (Mestre em Ciência Política); - Bruno Loureiro (Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais); - Cassia Miranda (Mestra em Filosofia); - Fátima Ferreira (Doutora em Educação); - Lier Pires Ferreira (Doutora em Direito); - Marcela M. Serrano (Doutora em Ciências Sociais); - Marcelo Araújo (Doutor em Antropologia); - Marcelo Costa (Mestre em Sociologia); - Martha Nogueira (Mestra em Ciências Sociais); - Otair Fernandes de Oliveira (Doutor em Ciências Sociais); - Paula Menezes (Mestre em Sociologia); - Raphael M. Corrêa (Mestre em Planejamento Urbano); - Rodrigo Pain (Doutor em Ciências Humanas); - Rogério Lima (Doutor em Ciências Humanas); - Tatiana Bukowitz (Mestra em Sociologia); - Thiago Esteves (Mestre em Ciências Sociais);

	- Vinícius Mayo Pires (Mestre em Sociologia e Antropologia).
Multiversos Ciências Humanas (FTD, 2020)	- Alfredo Boulos Júnior (Doutor em Educação); - Edilson Adão Cândido da Silva (Mestre em Geografia); - Laercio Furquim Júnior (Mestre em Geografia).
Módulos para o Novo Ensino Médio (Editora AJS, 2020)	- Roberto Catelli Júnior (Doutor em Educação); - André La Savia (Doutor em Filosofia); - Ana Paula Gomes Seferian (Doutora em Educação); - Michele Escoura (Doutora em Ciências Sociais); - Paulo Tadeu da Silva (Doutor em Filosofia); - Robson Rocha (Mestre em Geografia).
Palavras de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (Palavras, 2020)	- Arno Aloísio Goettems (Mestre em Geografia); - Cândido Grangeiro (Mestre em História); - Antônio Luís Joia (Graduado em Geografia); - Cosme Freire Marins (Doutor em Educação).
Prisma Ciências Humanas (FTD, 2020)	- Angela Rama (Mestra em Geografia); - Gislane Azevedo (Mestra em História); - Isabela Gorgatti (Bacharela em Geografia); - Leandro Calbente (Bacharel em História e Filosofia); - Reinaldo Seriacopi (Bacharel em Letras e Jornalismo).
Ser protagonista (SM Educação, 2020)	- Flávio Manzatto de Souza (Bacharel e Licenciado em Geografia); - Valéria Vaz (Licenciada em História e Bacharel em Letras).

A produção do livro didático é o resultado de diversas questões coletivas, econômicas, sociais, mercadológicas e editoriais. A sua elaboração segue diversos critérios externos ao conteúdo apresentado. Destarte, a análise sobre os agentes que estão envolvidos com a sua produção torna-se necessária²⁴, principalmente pela

²⁴ Como afirma Simone Meucci “Em particular, nas grandes editoras há uma sofisticada divisão do trabalho que se impõe ao autor de livros didáticos, composta por revisores, pedagogos, ilustradores, diagramadores, diretores de arte, pareceristas, etc. Os livros didáticos são resultado de um trabalho coletivo industrial, ainda que a atividade dos autores se mantenha como um artesanato sofisticado de composição do texto.” (MEUCCI, 2014, p.211).

condensação dos quatro componentes curriculares (História, Geografia, Sociologia e Filosofia) em uma única área (Ciências Humanas e Sociais Aplicadas).

Sobre o material analisado, isto é, os livros didáticos, observamos a seguinte disposição: contabilizamos um total de 89 autores diferentes nas 14 coleções, o que revela uma variedade de experiências e abordagens em relação à elaboração dos conteúdos. Essas 14 coleções estão divididas entre 9 editoras, todas concentradas no estado de São Paulo: Moderna com 4 coleções (42 autores); Editora do Brasil (15 autores) e FTD com 2 coleções (8 autores); Scipione (6 autores), AJS (6 autores), Palavras (4 autores), Ática (3 autores), Saraiva (3 autores) e SM (2 autores), cada uma com 1 coleção.

Nessa divisão, percebemos uma única coleção com apenas dois autores, o menor número identificado, onde constatamos uma maior consistência na abordagem temática, teórica e metodológica, que três coleções têm apenas três autores - inclusive uma delas composta apenas por historiadores, o que tem bastante influência nos direcionamentos da obra - enquanto uma coleção apresenta 23 autores na sua elaboração.

Desses 89 autores, levando em consideração a maior titulação de cada autor apresentada na página de identificação de cada coleção²⁵, observamos que: 23 são formados em Ciências Sociais²⁶, 19 são formados em História, 18 são formados em Geografia, 10 em Educação, 7 são formados em Filosofia, 4 em Ciências Humanas e Sociais, 1 em Sustentabilidade, 1 em Planejamento Urbano, 1 em Relações Internacionais 1 em Direito. Alguns autores possuem dupla formação, sendo que: 1 é formado em Jornalismo e Letras, 1 é formado História e Filosofia, 1 é formado em História e Letras e 1 é formado em História e Pedagogia.

Esses números apresentam por si só uma miríade de perspectivas que, logicamente, se adaptaram aos imperativos editoriais, mas que imprimem características de suas formações e posicionamentos no produto final, como, por exemplo, um conteúdo com aspecto mais voltado para a disciplina de História do que

²⁵ Em relação à titulação dos autores, temos: 1 pós-doutorado; 41 doutorados; 28 mestrados e 19 graduações, somando licenciaturas e bacharelados.

²⁶ Por uma questão metodológica de análise, estamos levando em consideração a formação ampla em Ciências Sociais, pois, como é apresentado na tabela, vários autores possuem titulação em Antropologia, Sociologia e Ciência Política separadamente. A disposição das titulações dos 23 autores é a seguinte: 11 possuem titulação em Ciências Sociais; 5 possuem titulação em Sociologia; 3 possuem titulação em Antropologia; 3 possuem titulação em Ciência Política; e 1 possui titulação em Sociologia e Antropologia.

para a Filosofia, como observamos na coleção “Humanitas.doc”, por exemplo, elaborada por três autores com doutorado em História.

Além disso, podemos observar uma distribuição “irregular” dos autores nas coleções: das 14 coleções, apenas 3 delas apresentam pelo menos um autor de cada componente curricular pertencente à área de Ciências Humanas. O componente curricular de Filosofia é o que encontra maior desproporcionalidade em comparação aos demais: está ausente em 9 coleções - 8 se considerarmos a dupla formação de um dos autores. Já o componente curricular das Ciências Sociais apresenta uma contradição em relação aos demais componentes: está ausente em 5 coleções mesmo possuindo o maior número de autores (23 entre os 89 listados). A presença de autores com diplomação em Direito, Jornalismo e em Letras também é algo notável, uma vez que várias dessas coleções não apresentam as disciplinas que outrora integraram as Ciências Humanas na educação básica.

Tabela 2 - Definições de Fake News

COLEÇÃO	DEFINIÇÕES DE FAKE NEWS
Conexão Mundo (Editora do Brasil, 2020)	<i>Informação indisponível</i>
Conexões (Editora Moderna, 2020)	- Não há uma definição do conceito de <i>fake news</i> , apenas a tradução do termo como “notícias falsas” (v.5, p.147). Há o uso dos termos informações fraudulentas e desinformação, no entanto, sem uma definição.
Contexto e Ação (Editora Scipione, 2020)	- <i>Fake news</i> é definido como “notícias falsas, geralmente de cunho sensacionalista, divulgadas intencionalmente com o objetivo de induzir e influenciar comportamentos nos leitores, como despertar revolta contra algo ou alguém, por exemplo. Em razão do teor apelativo, as <i>fake news</i> costumam provocar um sentimento de identificação no leitor, que as compartilham sem checar a veracidade dos dados”; É apresentado como algo que sempre existiu ao longo da História, mas que ganhou repercussão com o advento da internet; <i>Fake news</i> também é apresentada como uma ferramenta abertamente ligada à “ultradireita”. (v.6, p.149).
Diálogo (Editora Moderna, 2020).	- <i>Fake news</i> é apontada como um problema do mundo digital globalizado, dentro do capítulo “Globalização, cultura e identidade”, porém, não há uma definição ou aprofundamento sobre o assunto. (v.1, p.142).
Diálogos Em Ciências Humanas (Editora Ática, 2020)	- <i>Fake news</i> são “boatos ou relatos mentirosos, que não possuem qualquer tipo de comprovação. No entanto, são escritas de modo que pareçam notícias verdadeiras e são divulgadas em sites pouco conhecidos ou transmitidas por meio das redes sociais ou aplicativos de mensagens

	instantâneas”. (v.1, p.80).
Humanitas.doc (Editora Saraiva, 2020)	- <i>Fake news</i> é definida como “notícias falsas que se espalham pelas redes sociais” (v.4, p.99), como artífice político que apelam muito mais para os valores e as emoções das pessoas do que para os fatos, procurando maior mobilização e apoio e estão relacionadas ao conceito de “autoverdade”. (v.2, p.44).
Identidade em Ação (Editora Moderna, 2020)	- <i>Fake news</i> é definida como [possíveis] ações de marketing comercial ou política que podem conter informações falsas, criadas para depreciar algo ou alguém e que podem ser replicadas por robôs, atingindo muito pessoas, além de comprometer a credibilidade das demais notícias veiculadas. (v.5, p.111).
Interação Humanas (Editora do Brasil, 2020)	- <i>Fake news</i> é definida em um <i>box</i> como “notícias falsas normalmente veiculadas de forma muito rápida nas redes sociais virtuais. Elas são elaboradas em linguagem simples, direta, popular e sensacionalista. Não apresentam fontes confiáveis de pesquisa para comprovação”. (v.3, p.144)
Moderna Plus (Editora Moderna, 2020)	- <i>Fake news</i> é apresentado como sinônimo de “pós-verdade”, que significa que fatos passam a ter menos importância do que crenças pessoais (v.5, p.57) e definida como notícias falsas divulgadas com a intenção de legitimar pontos de vista que prejudicam pessoas ou figuras públicas. (v.4, p.27).
Multiversos Ciências humanas (FTD, 2020)	- <i>Fake news</i> é apresentada da seguinte maneira: “A tradução de <i>fake news</i> é notícia falsa, uma fala, um texto, uma reportagem que divulga informação mentirosa sobre algo ou alguém. Por essa lógica, as <i>fake news</i> (notícias falsas) existem desde quando os seres humanos começaram a se comunicar entre si. Mentir para alguém pode ser considerado falar uma <i>fake news</i> . [...] A <i>fake news</i> não é uma notícia que contém uma informação equivocada. Ao contrário, várias <i>fake news</i> são histórias completamente inventadas.” (v.5, p.123-124).
Módulos para o Novo Ensino Médio (Editora AJS, 2020)	- Há a tradução do termo como “notícias falsas” e em seguida a seguinte definição: “Uma notícia falsa aparenta ter todas as características de uma informação verdadeira, porém é falsa no conteúdo; ou seja, aqueles que querem disseminá-la usam o design e o modelo dos sites de notícias tradicionais para veiculá-la, exatamente para conferir credibilidade à informação, quando na verdade a intenção é confundir o leitor.” (v.4, p. 152)
Palavras de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (Palavras, 2020)	- Há uma breve menção indireta ao falar sobre as dificuldades de se combater a pandemia de Covid-19, no entanto sem haver uma definição ou uma explicação sobre o que se trata.
Prisma Ciências Humanas (FTD, 2020)	- A definição de <i>fake news</i> é “o termo utilizado para se referir a notícias falsas, que podem ser inteiramente fabricadas ou distorcer um conteúdo

	real. Suas fontes são duvidosas (veículos de mídia sem credibilidade) ou inexistentes”. (v.2, p.17).
Ser protagonista (SM Educação, 2020)	- <i>Fake news</i> é “traduzida” por notícias falsas e é relacionada ao fenômeno de intensificação dos processos de disseminação de desinformação. (Única menção em todas as coleções com o conceito de desinformação). As características das <i>fake news</i> apresentadas são: a exploração de sentimentos como a raiva e o medo, a recusa de evidências científicas ou de dados e a ausência da apresentação de fontes e de atribuição de autoria; a rápida produção e circulação nas redes sociais. (v.5, p.130).

A partir dessa tabela, observamos que o conceito de *fake news* não possui uma definição que seja consensual entre as coleções. Excetuando as duas coleções que não apresentam uma definição do conceito, parte das coleções não conseguem abarcar de maneira satisfatória essa definição, confundindo *fake news* com outros conceitos e outros contextos (ou apenas “traduzindo” o termo, como aparece em uma coleção): as coleções “Multiversos Ciências Humanas” e “Contexto e Ação” apresentam o conceito como algo que sempre existiu na história, desconsiderando, como analisado na seção anterior, toda a infraestrutura técnica e algorítmica necessária para a produção e circulação de *fake news*; a “Moderna Plus” a coloca como um sinônimo de “pós-verdade” - os conceitos estão intrinsecamente relacionados, contudo, não significam a mesma coisa.

As demais coleções apresentam definições que não dão conta de toda as dimensões envolvendo o tema, mas que não comprometem a compreensão, mantendo os principais aspectos, como a intencionalidade na produção das *fake news*, o seu uso político, a sua relação com o conceito de desinformação, a rápida circulação nas redes sociais, a linguagem acessível e apelativa e, por fim, a dificuldade de identificação e responsabilização dos autores das *fake news*.

Dessa maneira, consideramos necessária a elaboração de uma sequência didática que possa complementar e tornar homogênea a discussão sobre *fake news* em sala de aula, especialmente levando em consideração as coleções que sequer discutem o tema em seu conteúdo.

Tabela 3 - Atividades e outras abordagens envolvendo o tema *Fake News*

COLEÇÃO	ATIVIDADES E OUTRAS ABORDAGENS
Conexão Mundo	<i>Informação indisponível</i>

(Editora do Brasil, 2020)	
Conexões (Editora Moderna, 2020)	<ul style="list-style-type: none"> - Há um guia em oito passos denominado “Como identificar notícias falsas” (v.1, p. 27), dentro da seção “Ferramentas para um pensar crítico”; - Há a proposta de um projeto de pesquisa denominado “Democracia e verdade na era de <i>Fake News</i>” com o intuito de emular uma ação de <i>fact checking</i> (v.5, p. 80); - O termo é citado, porém, não aprofundado no tópico “Novas práticas políticas e internet” (v.5, p.147).
Contexto e Ação (Editora Scipione, 2020)	<ul style="list-style-type: none"> - Há um guia sobre como identificar as notícias falsas (v.6, p. 149).
Diálogo (Editora Moderna, 2020)	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Fake news</i> é apontada como um problema do mundo digital globalizado, dentro do capítulo “Globalização, cultura e identidade”, porém, não há uma definição ou aprofundamento sobre o assunto. (v.1, p.142).
Diálogos Em Ciências Humanas (Editora Ática, 2020)	<ul style="list-style-type: none"> - As <i>fake news</i> são apresentadas como elementos que influenciam diretamente os processos políticos na atualidade (v.1, p.80); - É apresentada uma proposta de atividade prática de <i>fact checking</i> onde há um guia para a identificação de <i>fake news</i>; (v.1, p.80-85); - O tema é discutido nos tópicos sobre “Etnia e identidade” (v.1, p.44-45), “Globalização e seus fluxos” (v.2, p.141), “Convivendo nas cidades e nas redes” (v.5, 87) e “A morte da verdade” (v.5, p.109-111); - Há a discussão sobre <i>fake news</i> e pós-verdade, inclusive havendo menção ao termo “fatos alternativos” e às “bolhas sociais” (v.5, p.110-111).
Humanitas.doc (Editora Saraiva, 2020)	<ul style="list-style-type: none"> - O tema surge no tópico “Mundo digital: conhecimento e desconhecimento”, sendo relacionado à confirmação das crenças pessoais e com o conceito de pós-verdade. (v.2, p.44); - O tema aparece novamente na discussão sobre trabalho e globalização, sendo relacionado com o surgimento de uma “mídia alternativa”, única coleção a apresentar esse tema; (v.4, p.99); - Ao considerar as <i>fake news</i> como nocivas ao processo democrático, a coleção apresenta um manual de oito etapas com o título “Como identificar notícias falsas”; (v.4, p.99).
Identidade em Ação (Editora Moderna, 2020)	<ul style="list-style-type: none"> - É relacionado, em uma atividade de debate, <i>fake news</i> e interferência no processo democrático; (p.117). - Há a orientação sobre como identificar <i>fake news</i> e não as propagar na internet, relacionando o tema com a discussão sobre pós-verdade no tópico “Constituir uma identidade no mundo globalizado”; (p.152). - Box “Conexão com Linguagens”, no qual é abordado a estrutura das <i>fake news</i> como “procuram imitar a estrutura e a linguagem presentes em notícias verdadeiras com a intenção de enganar”. São propostas quatro

	<p>questões sobre <i>fake news</i> para verificar a compreensão da discussão. (p.153-154).</p>
Interação Humanas (Editora do Brasil, 2020)	<ul style="list-style-type: none"> - O assunto aparece no tópico “Democracia em risco?”; (v.3, p.144); - De forma indireta, sem citar o termo <i>fake news</i>, é sugerido a página de <i>fact checking</i> “Aos Fatos” no tópico sobre o Governo Bolsonaro. (v.5, p.82).
Moderna Plus (Editora Moderna, 2020)	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Fake news</i> é citado dentro do conteúdo “Cidadania digital” (v.2, p.92); - <i>Fake news</i> surge dentro da discussão sobre a política na era da comunicação em rede. (v.4, p.27).
Multiversos Ciências humanas (FTD, 2020)	<ul style="list-style-type: none"> - A produção de <i>fake news</i> é associada ao <i>clickbait</i>, estratégia que visa aumentar o número de acessos a um site ou perfil. (v.5, p.124); - O tema <i>fake news</i> é discutido no tópico “O uso da violência na divulgação de notícias” (<i>Fake news</i> e violência). (v.5, p.123-126); - Há um guia de sete passos para se combater as <i>fake news</i>. (v.5, p.127).
Módulos para o Novo Ensino Médio (Editora AJS, 2020)	<ul style="list-style-type: none"> - O termo é apresentado (nesse caso, apenas a sua tradução) no tópico “<i>Big data</i> e as eleições” (v.4, p.151-152) como uma das formas de se influenciar um processo eleitoral; - Há uma proposta de pesquisa semelhante ao trabalho de <i>fact checking</i> juntamente a uma lista de sete passos para identificar uma notícia falsa (v.4, p.152); - O tema aparece novamente no tópico “Novos autoritarismos” como uma das ferramentas utilizadas por esses governos para reforçar o seu caráter autoritário, ultraconservador e negacionista. (v.6, p.108-109).
Palavras de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (Palavras, 2020)	<ul style="list-style-type: none"> - Há uma breve menção indireta ao falar sobre as dificuldades de se combater a pandemia de Covid-19, no entanto sem haver uma definição ou uma explicação sobre o que se trata (v.2, p.143-144).
Prisma Ciências Humanas (FTD, 2020)	<ul style="list-style-type: none"> - O tema é abordado no capítulo “A ética no mundo contemporâneo”, relacionado diretamente com a “era da pós-verdade” com o processo de enfraquecimento da credibilidade das mídias tradicionais e dos pesquisadores, principalmente pela facilidade de circulação de notícias sem comprovação científica (v.2, p.17); - A disseminação das <i>fake news</i> é associada ao enfraquecimento da democracia (v.2, p.18); - É apresentado o diálogo entre o combate às <i>fake news</i> e o conceito de maioria intelectual, de Immanuel Kant (v.2, p.18); - O tema reaparece na discussão sobre a “Negação da política”, relacionando as <i>fake news</i> ao que compreendemos como pós-verdade (supostas verdades pautadas nas crenças pessoais) (v.2, p.37); - O tema é aprofundado em uma discussão interdisciplinar com a área de linguagens com o objetivo de elaborar um produto de pesquisa. Nessa

	<p>proposta de atividade, qual é afirmado que o analfabetismo e o analfabetismo funcional contribuem para a disseminação das <i>fake news</i>, são apresentadas quatro etapas que abordam a circulação, produção, identificação e conscientização sobre <i>fake news</i>, nos moldes de uma agência de <i>fact checking</i>. (v.2, p.93, 110, 127, 144).</p>
Ser protagonista (SM Educação, 2020)	<ul style="list-style-type: none"> - O tema aparece em um tópico chamado “Jornalismo, ética e cidadania: <i>fake news</i>” no capítulo “O Estado Brasileiro é autoritário?”. (v.1, p.88); - Há a relação entre <i>fake news</i> e o “Plano Cohen”, o estopim para a instauração do Estado Novo no Brasil, em 1937; (v.5, p.130); - É utilizado o termo “era da desinformação” para contextualizar as <i>fake news</i>; (v.5, p.130); - Há a associação direta entre <i>fake news</i> e a discussão sobre a pandemia de Covid-19, inclusive sendo utilizado o termo “negacionismo científico”. (v.6, p.26); - O tema é discutido juntamente ao conceito de pós-verdade; (v.5, p.131; v.6, p.19); - Há uma proposta de prática de pesquisa sobre a identificação de <i>fake news</i>. (v.6, p.42-43).

A partir dessa tabela, observamos que 9 das 14 coleções apresentam atividades relacionadas ao tema *fake news*: na maior parte dessas coleções, a proposta de atividade é a de *fact checking*, isto é, verificação de fatos ou alguma atividade semelhante, mas sempre visando a identificação de notícias falsas. Na coleção “Prisma Ciências Humanas” é proposta uma atividade interdisciplinar com a área de Linguagens e Códigos²⁷, tendo como molde o trabalho de *fact checking*, porém, levando em consideração outras questões sociais, como o analfabetismo e o analfabetismo funcional. Em linhas gerais, as propostas são guias sobre como identificar *fake news*.

Em relação aos assuntos que são abordados juntamente ao tema *fake news*, observamos uma miríade de temas, mesmo nas coleções em que não há definição de *fake news* enquanto conceito: riscos à democracia; uso político; autoritarismos; globalização; verdade, pós-verdade e “autoverdade”; ética no mundo contemporâneo; maioria intelectual kantiana; negacionismo científico; violência; pandemia do Corona vírus e cidadania digital. Essa variedade de assuntos que se relacionam com

²⁷ Nessa coleção, um dos autores é bacharel em Letras e em Jornalismo.

o tema *fake news* atesta as múltiplas facetas desse assunto e corrobora com a necessidade de ser discutido na sala de aula da maneira mais clara possível, contribuindo para que os estudantes consigam compreender as suas diversas conexões no mundo contemporâneo.

Tabela 4 - Quadro-síntese das coleções

COLEÇÃO	HÁ AUTORES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS?	DEFINE O CONCEITO DE FAKE NEWS?	APRESENTA ATIVIDADES SOBRE FAKE NEWS?	RELACIONA O TEMA A OUTROS CONTEÚDOS?
Conexão Mundo (Editora do Brasil, 2020)	X			
Conexões (Editora Moderna, 2020)	X		X	
Contexto e Ação (Editora Scipione, 2020)	X	X	X	
Diálogo (Editora Moderna, 2020).	X			X
Diálogos Em Ciências Humanas (Editora Ática, 2020)	X	X	X	X
Humanitas.doc (Editora Saraiva, 2020)		X		X
Identidade em Ação (Moderna, 2020)	X	X	X	X
Interação Humanas (Editora do Brasil, 2020)	X	X		X
Moderna Plus (Editora Moderna, 2020)	X	X	X	
Multiversos Ciências humanas (FTD, 2020)		X	X	X
Módulos para o Novo Ensino Médio (Editora AJS, 2020)	X	X	X	X
Palavras de Ciências				X

Humanas e Sociais Aplicadas (Palavras, 2020)				
Prisma Ciências Humanas (FTD, 2020)		X	X	X
Ser protagonista (SM Educação, 2020)		X	X	X

Por fim, a Tabela 4 apresenta uma síntese das análises dos livros didáticos. Essa tabela apresenta um panorama sobre as principais limitações e o espaço que as coleções dedicaram ao tema. Levando em consideração quatro critérios pertinentes e que englobam a discussão no que concerne a discussão deste trabalho, observamos que apenas três das quatorze coleções preencheram os quatro critérios; três coleções não apresentam atividades sobre o tema; duas sequer definem o conceito de *fake news*, apesar de relacioná-lo com outros temas; três coleções não fazem o diálogo entre *fake news* e outro assunto; e, como apontamos anteriormente, apenas nove coleções contam com autores formados em Ciências Sociais, apesar de ser o componente curricular com o maior número de autores (23) dentre os 89 autores que compõem as coleções.

Como conclusão, podemos observar, primeiramente, que há uma concentração do poder intelectual na produção de livros didáticos no estado de São Paulo, sede de todas as editoras participantes dessa edição do PNLD. Há uma distribuição desigual entre os autores e as suas respectivas áreas de formação: mesmo sendo a área com mais autores, as Ciências Sociais estão ausentes em 5 das 14 coleções, enquanto observamos uma coleção com todos os autores sendo formados em História.

A ausência de uma definição ao conceito de *fake news* em 4 coleções também nos aponta um direcionamento nessas coleções em comparação às demais. Por exemplo, a coleção “Palavras de Ciências Humanas e Sociais Aplicada”, formada em sua maioria por historiadores e geógrafos, não possui nenhum autor das Ciências Humanas, o que já fornece indícios de interpretação, uma vez que é priorizado temas de Geografia Física ao longo dos seis volumes da obra.

No entanto, dentre as coleções que não possuem autores das Ciências Sociais, 4 das 5, apresentam algum tipo de definição do conceito, mesmo não

apresentando atividades relacionadas ao tema. Aqui observamos uma possível nova problematização: “o debate sobre *fake news* está, de fato, sendo realizado pelos cientistas sociais?”. Por opções metodológicas, consideraremos apenas parte dessa nova problematização, pois demandaria um novo trabalho. No entanto, consideramos que, de fato, esse debate precisa ter uma mediação - ou inspiração - pautada nas Ciências Sociais, um dos objetivos de nosso trabalho.

CAPÍTULO III - PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA

Contextualização

Como apresentado anteriormente, os livros didáticos possuem um papel social muito importante, seja como política pública, movimentando grande parte do mercado editorial nacional, seja como conjunto de temas e conteúdos considerados socialmente relevantes de serem ensinados e repassados àqueles que ingressam na educação básica. Dessa maneira, os conteúdos que estão presentes nessas obras possuem relevância social e precisam ser problematizados sobre a forma que são abordados nos livros didáticos, tendo em vista que a produção desse tipo de material sofre uma série de intervenções externas, desde pressões mercadológicas a questões estéticas.

Tema recente nas discussões dentro da área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, especialmente na etapa final da educação básica e incluso em grande escala apenas no PNL 2021, estando presente em todas as coleções submetidas à seleção nas escolas de ensino médio, a discussão sobre *fake news* enquanto conteúdo didático está ligada diretamente à necessidade de debater abertamente nos ambientes escolares um assunto que está em pauta na sociedade desde 2016 e que tem um grande impacto político, moral e econômico. Reconhecendo a escola como um local de debate e pluralidade, mostra-se mister dimensionar aquilo que ela pode orientar e elucidar sobre esse tema.

Sobre o papel da escola na discussão acerca das *fake news*, Peter Warren Singer (2019) já apontava a necessidade de existir, como política pública, essa alfabetização digital nas escolas e cita como exemplo o caso da Estônia, país pioneiro no ensino sobre *fake news* nas escolas, que “saiu do estado de negação” e buscou compreender as múltiplas dimensões do problema.

Outro exemplo sobre a importância do ensino sobre as *fake news* e a alfabetização digital na escola é o caso da Finlândia, país que modificou o seu currículo escolar em 2016 para incluir a discussão sobre desinformação, *fake news* e outros riscos do mundo digital. Essa mudança obteve sucesso, fazendo com que o país se tornasse, segundo pesquisa realizada pela Open Society, “o país [que] lidera

um gráfico global que mede a resiliência à desinformação”²⁸, levando em consideração o senso crítico da população e a forma como, verificam, identificam e triam as informações. O sucesso dessas políticas educacionais embasa a nossa perspectiva sobre a importância do tema *fake news* como conteúdo didático e o porquê ele deve englobar diversas dimensões que, por vezes, ficam de fora do que é proposto nos livros didáticos.

Outra dimensão desse debate é a participação das grandes plataformas nesse processo. Isso é apontado, também, por Singer (2019), que discute a importância das plataformas nesse processo de alfabetização midiática/digital, o que se mostra algo extremamente relevante diante do contexto atual em que estamos vivendo com a PL 2630/2020, chamada de “PL das *Fake News*”, e que tem intensificado o embate entre o governo e as *big techs*²⁹. O autor afirma

Acredito que as plataformas podem ser igualmente proativas educando os usuários contra ameaças de desinformação. Mas isso vai acontecer quando elas saírem do modo de negação ativa. Não dá para ser proativo se você insiste que isso não é um problema. Não existe uma bala de prata para resolver todos os males: enquanto existir internet e seres humanos, sempre haverá política e conflito. Temos de descobrir como gerir e lidar com os riscos. (SINGER, 2019, p. 92).

Diante dos acontecimentos recentes no debate público e do que foi discutido sobre as *big techs* na Seção I do nosso trabalho, acreditamos que a urgência de projetos de alfabetização digital/midiática voltados para a educação básica se mostram cada vez mais necessários, uma vez que essas empresas estão buscando defender os seus interesses, mesmo que isso traga prejuízos ao país, à sua soberania e ao regime democrático³⁰. Assim, compreendendo o papel fundamental

²⁸ “Fake News: como a Finlândia tem conseguido combater com sucesso às notícias falsas”. Em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-63390825>. Acesso em 21/05/2023.

²⁹ A PL 2630/2020 tem com um de seus pontos a responsabilização das redes sociais pelas irregularidades cometidas em seus ambientes virtuais. Isso ocasionou uma reação das *Big Techs*, como o Google, o Youtube e o Telegram, abertamente contrárias ao projeto de lei.

³⁰ O exemplo mais patente acerca dessa questão foi o disparo em massa de mensagens instantâneas de uma publicação contra a “PL da Fake News” enviadas no aplicativo Telegram pela própria empresa, inclusive com informações falsas que tinham o intuito de desvirtuar o debate público e “manipular” a opinião dos usuários do aplicativo. “Telegrama ataca PL das Fake News, e autoridades brasileiras reagem”. (Em:

<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/09/telegram-ataca-pl-das-fake-news-e-autoridade-s-brasileiras-reagem.ghtml>. Acesso em 21/05/2023). O Google também investiu quantias significativas contra a PL 2630/2020, aproximadamente 670 mil reais somente com propaganda no Facebook. Além disso, apresentava links na sua homepage visando interferir na opinião pública. Os links tinham títulos como “o PL 2630 pode piorar a sua internet” ou “o PL das Fake News pode aumentar a desinformação no Brasil”. (Em:

que a escola ocupa nesse processo e a atualidade do debate, enfatizamos novamente a relevância de uma intervenção como a aqui proposta.

Justificativa

O Programa Nacional do Livro Didático baliza a produção e seleção de conteúdos que serão trabalhados na escola, possuindo um peso curricular significativo na educação básica. A partir disso, consideramos importante a discussão acerca do livro didático e dos seus conteúdos, que são aqueles que passaram por uma avaliação rigorosa até chegarem às escolas e que são o material pedagógico por excelência e, na maioria dos casos, o único disponível para os estudantes.

No entanto, ao apresentarmos as diversas formas que o tema *fake news* foi apresentado como conteúdo didático nessas coleções presentes no PNLD 2021, percebemos a existência de diversas lacunas em meio a múltiplas perspectivas teóricas e políticas, o que pode se configurar um problema se forem ignoradas ou tiverem a sua importância minimizada. Considerando que os livros didáticos ainda não abarcam de maneira satisfatória a discussão sobre *fake news*, propomos a produção de um material complementar para auxiliar os docentes nas aulas que abordem esse assunto.

Como não existe mais a separação legalmente definida entre os componentes curriculares, apenas a divisão por áreas do conhecimento, a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas apresenta diversos vieses de análise sobre o tema, como vimos, dependendo na maioria das vezes da formação e da área de atuação dos seus autores. Entretanto, nossa proposta é apresentar caminhos pautados nas Ciências Sociais, com o objetivo de trazer a discussão para esse componente curricular - mesmo dialogando com outras áreas, como a Comunicação Social, mas, mantendo a primazia das análises sociológicas, isto é, os caminhos sociológicos que poderão nos auxiliarem na melhor compreensão sobre as *fake news* enquanto conteúdo didático.

Por fim, partimos da seguinte problemática: “como as Ciências Sociais podem contribuir para a produção de materiais didáticos teoricamente embasados que

poderão complementar o livro didático e servir como suporte para os professores de Ciências Humanas nas aulas sobre *fake news*?” para elaborar a nossa proposta de intervenção pedagógica. Na primeira seção de nosso projeto, apresentamos os autores, os conceitos e as perspectivas teóricas que balizarão a nossa proposta. Dessa forma, a nossa problemática busca, a partir de caminhos sociológicos, contribuir para o enriquecimento do material didático e na fundamentação mais completa possível para a discussão do tema em sala de aula levando em consideração a sua crescente relevância para a sociedade.

Objetivos

Objetivo Geral:

- Produzir uma sequência didática complementar ao livro didático sobre o conteúdo *Fake News* para auxiliar os professores de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Objetivos Específicos:

- Contribuir para uma discussão mais abrangente sobre o tema Fake News em sala de aula, tendo como aporte teórico norteador, as Ciências Sociais;
- Apresentar discussões atuais sobre o tema, tanto à nível teórico como legal, diante das mudanças e atualizações no debate público sobre o tema;
- Trazer para o ambiente escolar da educação básica as discussões acadêmicas correntes sobre o tema *fake news*, isto é, realizar a transposição didática.

Atividades

As nossas atividades foram divididas em quatro etapas, duas dessas chamadas aqui de oficinas, e uma etapa para a validação empírica de nossa proposta de intervenção. A princípio, tivemos como base planos de aula que foram elaborados a partir da discussão teórica apresentada na seção I e dos tópicos nos livros didáticos considerados insuficientes analisados na seção II. No decorrer das duas oficinas, vimos a necessidade mudar ou não o conteúdo de acordo com o desenvolvimento das discussões e debates acerca do conteúdo. A última etapa foi a validação

empírica a partir do instrumental (sequência didática) desenvolvido de acordo com o andamento das oficinas. Após essa etapa, produzimos o relatório final e a versão definitiva da sequência didática.

- **Oficina 01 - “As *fake news* e a sala de aula”**: Nessa oficina, apresentamos as múltiplas dimensões desse debate dentro do ambiente escolar, incluindo os aspectos negativos que não são suficientemente debatidos em grande parte das coleções integrantes do PNLD 2021. Primeiramente, partimos dos relatos e das experiências em sala de aula dos próprios professores participantes das oficinas. Nessa primeira oficina, apresentamos aos professores participantes as diversas formas que as redes sociais - e o ciberespaço como um todo - operam e quais os limites e possibilidades desse mundo digital dentro da nossa proposta de análise das *fake news* enquanto conteúdo didático. Apresentamos, também, as múltiplas definições presentes nos livros didáticos e os conteúdos aos quais são relacionados e quais as atividades propostas dentro de cada coleção. Analisando o conflito entre as *fake news* e o conhecimento escolar: discutimos o que são as *big techs* e como elas se utilizam das *fake news* para controlar, manipular e colocar os dados em circulação, a disrupção da mídia, como se operacionalizam as *echo chambers* e as bolhas sociais dentro das redes, como a disseminação das *fake news* só se torna possível dentro de um contexto tecnológico de rápida circulação de grandes dados, o chamado capitalismo digital, entre outros aspectos. Todos esses fatores influenciam de modo direto e indireto o ambiente escolar. Dessa maneira, adentramos a discussão voltada de modo mais direcionado ao pensamento das Ciências Sociais.

- **Oficina 02 - “A Sociologia e as *fake news*”**: Nessa oficina, apresentamos os conceitos sociológicos considerados importantes para a compreensão do fenômeno das *fake news* no contexto atual e como isso pode contribuir para uma melhor compreensão desse processo, especialmente na sala de aula. Aqui são discutidos os conceitos de reflexividade, sistemas peritos e confiança: como a descrença nos meios tradicionais de comunicação contribuem para que meios alternativos ganhem espaço e o que leva os indivíduos a consumirem e assimilarem essas *fake news*. Todos esses conceitos são baseados na teoria de Anthony Giddens e contribuem para uma compreensão sociológica do processo de produção, circulação e credibilidade dessas notícias falsas. Partindo das discussões anteriores, analisamos

a escola enquanto sistema perito, o papel do professor colocado em xeque como resultado desse processo de descredibilização da escola e da ciência e o aumento da circulação de informações “alternativas”. Nesse momento, há a mediação entre o conteúdo escolar e a produção acadêmica que já se apresenta com alguns tópicos consolidados nessa discussão, como o caráter político da produção dessas *fake news*, sempre levando em consideração o diálogo entre as coleções as Ciências Sociais.

- **Etapa Final - “Validação Empírica”**: Nessa última etapa, foi elaborado um instrumental para analisar os resultados da intervenção pedagógica com os professores. O objetivo é analisar se houve a compreensão do conteúdo e se há efetivamente o diálogo com o material didático a partir da ótica dos participantes. A partir dos resultados obtidos, foi elaborada a sequência didática para ser aplicada em sala quando o tema for debatido com os alunos.

Metodologia

A organização de nossa proposta já apresenta uma metodologia intrínseca, definida pelas etapas do processo e pelo público-alvo inicial, no caso, professores de Ciências Humanas do Ensino Médio. Sendo assim, fizemos as oficinas inicialmente com os professores da rede que apresentaram interesse e disponibilidade para participarem, na modalidade de grupos focais.

O primeiro momento de nossa intervenção foi a elaboração de planos de aula abordando os principais tópicos sobre o tema *Fake News* nos livros didáticos apresentados na Seção II dialogando com a discussão teórica e com a produção acadêmica correntes apresentadas na Seção I. Esses planos tiveram como principal eixo o diálogo livro didático-bibliografia: definição de *fake news*, contextualização do tema, limites da obra e possibilidades de complementação do conteúdo.

As oficinas foram realizadas de maneira dialógica com os grupos focais, discutindo cada um dos quatro tópicos: definição, contextualização, limites e possibilidades. Inicialmente, levando em consideração a disponibilidade de horários dos professores no dia de planejamento, foram encontros de aproximadamente 2h/a semanais, podendo uma oficina ter a duração de 1 a 2 semanas de acordo com os cronogramas escolar e de aplicação da intervenção.

A última etapa de nossa intervenção, a validação empírica, consistirá em um questionário na plataforma *Google Forms* sobre a gradação - de 1 a 4, sendo 1 o nível mais baixo de compreensão e 4 o mais alto - de compreensão do conteúdo apresentado, a sua aplicabilidade em sala de aula e o diálogo entre o livro didático e o material complementar.

Por fim, após a verificação, análise dos resultados obtidos e a produção do relatório final, a sequência didática foi reelaborada, dessa vez já em seu formato definitivo, para corrigir os pontos que não alcançaram o perfil estabelecido para atingir o objetivo geral de nossa proposta.

Resultados esperados

A priori, temos como objetivo inicial produzir um material que consiga contemplar teoricamente as discussões correntes sobre *fake news* dentro do campo das Ciências Sociais, como foi apresentado na seção I de nossa proposta, em especial a Sociologia, complementando, de fato, o material didático utilizado na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio.

Possuímos, também, como expectativa de resultados atingir o maior número possível de professores e professoras da educação básica, independentemente da coleção didática escolhida por suas escolas.

Além disso, ensejamos trazer discussões práticas e atuais sobre o tema *fake news* - como apresentado na seção I (o “janonismo cultural”) e nesta seção (a “PL das *Fake News*”) - lançando luz à importância do tema e à necessidade da constante atualização sobre questões teóricas, políticas e legais acerca desse debate, considerando os seus possíveis impactos na sala de aula.

PLANO DE AULA/OFICINA I

PLANO DE AULA

Docente: Francisco Fabrício Pereira da Silva.

Data: fevereiro/2024.

Tema: “A Sociologia e as *fake news*”.

Duração: 2h/a.

JUSTIFICATIVA

Diante da multiplicidade de definições do conceito *fake news* nos livros didáticos presentes no PNLD 2021, a construção de uma definição que consiga contemplar as múltiplas dimensões que esse conceito possui mostra-se necessária. Para isso, é importante a contextualização e compreensão do fenômeno das *fake news* enquanto um produto do momento atual, chamado aqui de capitalismo digital, e que depende de uma infraestrutura técnica para que a sua produção e circulação possam ocorrer. Além disso, discussão sobre os usos políticos das *fake news* e seus impactos na democracia também perpassam o tema abordado na presente oficina. Diante da condensação dos componentes curriculares de Ciências Humanas em uma grande área definida como “Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” e a distribuição desigual dos autores na elaboração de grande parte das coleções, acreditamos que as Ciências Sociais podem contribuir de maneira mais significativa na discussão sobre as *fake news*. Como fenômeno recente e bastante discutido, a multiplicidade de análises acerca das *fake news* pode acabar por não atender de maneira satisfatória a sua complexidade. Assim, o suporte das Ciências Sociais nesse cenário pode ser de grande valia. Dessa maneira, conceitos como reflexividade, sistema perito e confiança, desenvolvidos por Anthony Giddens, podem contribuir para uma discussão sociologicamente direcionada.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Analisar como as Ciências Sociais podem contribuir para o debate sobre *fake news* em suas múltiplas dimensões.

Objetivos Específicos

- Compreender as diversas formas que as redes sociais operam e quais os limites e possibilidades do mundo digital na análise do fenômeno das *fake news*;
- Compreender, a partir dos conceitos apresentados, as múltiplas motivações que contribuem para que os indivíduos consumam e assimilem *fake news*, inclusive no ambiente escolar;
- Apresentar os conceitos sociológicos de reflexividade, sistema perito e confiança, do sociólogo Anthony Giddens e como eles podem contribuir para uma compreensão sociologicamente orientada do fenômeno das *fake news*.

METODOLOGIA

- Aula expositiva apresentando os conceitos centrais da proposta de aula;
- Apresentação de dados sobre a circulação e assimilação de *fake news*;
- Mapa mental representando a relação dos conceitos com o fenômeno das *fake news*.

RECURSOS

- Notebook;
- Google Meet.

CONTEÚDOS

- “É como ter o seu próprio jornal”: as redes sociais como mídia alternativa;
- Por que acreditamos em *fake news*?;
- *Fake news*, política e os seus impactos na democracia;
- A Sociologia de Anthony Giddens: reflexividade, sistemas peritos e confiança.

AVALIAÇÃO

- Instrumental via *Google Forms*.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Marcos Antônio S.; MACIEL, Emanuella R. Halfeld. “**O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto**”. *Internet & Sociedade*. N.1 v.1. jan/2020.
- BUCCI, Eugênio. **Existe Democracia sem verdade factual?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019. (Coleção Interrogações).
- CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Editora Ubu, 2022.
- DOURADO, Tatiana. **Fake News: quando mentiram viram fatos políticos**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2021.
- EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.
- FISHER, Max. **A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo**. São Paulo: Todavia, 2023.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.
- _____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- GREIFENEDER, Rainier *et al* (Orgs.). **The Psychology of Fake News: Accepting, Sharing, and Correcting Misinformation**. London: Routledge, 2021.
- MARTINS, Helena (Org.). **Desinformação: crise política e saídas democráticas para as Fake News**. São Paulo: Veneta, 2020.
- MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: Notas de uma repórter sobre Fake News e violência digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MARTINS, Helena (Org.). **Desinformação: crise política e saídas democráticas para as Fake News**. São Paulo: Veneta, 2020.
- MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: Notas de uma repórter sobre Fake News e violência digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- SEGURADO, Rosemary. **Desinformação e Democracia: A guerra contra as Fake News na Internet**. São Paulo: Hedra, 2021.
- SINGER, Peter W. “Guerra de Likes: precisamos dominar as ferramentas e fazer a verdade viralizar”. In: BARBOSA, Mariana. **Pós-verdade e Fake News: Reflexões sobre a guerra de narrativas**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PLANO DE AULA/OFICINA II

PLANO DE AULA

Docente: Francisco Fabrício Pereira da Silva.

Data: Fevereiro/2024.

Tema: “As *fake news* e a sala de aula”.

Duração: 2h/a.

JUSTIFICATIVA

Diante das mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais ocorridas nas últimas décadas em decorrência dos avanços tecnológicos, torna-se necessário o debate dentro da escola sobre os impactos reais que essas mudanças possuem na sociedade. Nesse contexto é que consideramos importante a discussão acerca do tema *fake news* enquanto conteúdo didático. No entanto, constatamos que as múltiplas dimensões das discussões sobre *fake news* dentro do ambiente escolar, incluindo os aspectos negativos, não são suficientemente debatidos em grande parte das coleções integrantes do PNLD 2021. Assim, tomaremos, como ponto de partida, as experiências dos docentes participantes da oficina em sala de aula. Essa opção metodológica parte da perspectiva sociológica norteadora do trabalho, segundo a qual a escola é analisada enquanto sistema perito. Dessa forma, o papel do professor colocado em xeque pode ser resultado do processo de descredibilização da escola e do aumento da circulação de informações “alternativas” dentro e fora do ambiente escolar.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Compreender a relação entre *fake news* e a sala de aula visando as possíveis formas como as Ciências Sociais podem contribuir para esse debate.

Objetivos Específicos

- Analisar as diversas formas como as *fake news* são abordadas enquanto conteúdo didático nas coleções do PNLD 2021 e como se relacionam com as práticas docentes;
- Debater como as *fake news* confrontam o conhecimento escolar no intuito de deslegitimar a sua *expertise* enquanto sistema;
- Buscar caminhos para o combate às *fake news* a partir do conhecimento sociológico.

METODOLOGIA

- Aula dialógica com o relato das experiências em sala de aula dos docentes participantes;
- Debate sobre como a plataformização da sociedade impacta na educação e no fazer docente;
- Discussão sobre a relação experiência em sala de aula e o que os livros didáticos apresentam sobre o assunto;
- Apresentação de notícias sobre tentativas de deslegitimar a escola, seja com a desvalorização, seja com o uso de argumentos negacionistas e/ou anticientificistas;
- Introdução aos primeiros conceitos sociológicos que contribuirão para o debate nas

oficinas.

RECURSOS

- Notebook;
- Google Meet.

CONTEÚDOS

- As *fake news* na sala de aula: relatos docentes;
- Plataformização da sociedade;
- Educação, negacionismo e anticientificismo;
- O que nos dizem os livros didáticos?;
- Inspirações sociológicas para o enfrentamento às *fake news* no ambiente escolar.

AVALIAÇÃO

- Instrumental via *Google Forms*.

BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Editora Ubu, 2022.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.
- _____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos da Educação**/ Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (orgs.). 16.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- CARLOTTO, Maria Caraméz. "Guerra em campo aberto: as disputas pela mudança estrutural do espaço intelectual brasileiro". In: CÁSSIO, Fernando. (Org.) **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2019. (Coleção Tinta Vermelha)
- FISHER, Max. **A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo**. São Paulo: Todavia, 2023.
- KUENZER, Acácia Zeneida. **Trabalho e escola: A flexibilização do Ensino Médio no contexto do regime de acumulação flexível**. Educ. Soc. Campinas, v.38, nº139. p.331-354, 2017.
- MARTINS, Erika Moreira. **Todos pela educação? Como os empresários estão determinando a política educacional brasileira**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.
- SINGER, Peter W. "Guerra de Likes: precisamos dominar as ferramentas e fazer a verdade viralizar". In: BARBOSA, Mariana. **Pós-verdade e Fake News: Reflexões sobre a guerra de narrativas**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- YOUNG, Michael F. D. **Para que servem as escolas?** Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007.

RELATÓRIO DAS OFICINAS/VALIDAÇÃO EMPÍRICA

As oficinas foram realizadas nos dias 08 e 15 de fevereiro de 2024, via *Google Meet*, com professores da área de Ciências Humanas, cada um com formação em um componente curricular diferente, contemplando os cursos de História, Geografia e Filosofia, ficando as Ciências Sociais como norteadora da discussão. Esses professores atuam em disciplinas variadas, além das suas disciplinas de formação: Atualidades, Oficina de Pensamento *Black Mirror*, NTPPS, Cultura Digital e Sociologia pelo cinema. Seguindo os planos de aula propostos, os participantes também responderam a um formulário via *Google Forms* para um relato mais detalhado de suas experiências relacionadas ao tema.

Formulário inicial e os relatos dos docentes

O formulário utilizado para o levantamento e registro dos dados e experiências em sala de aula possuía as seguintes perguntas

Tabela 5 - Formulário para os docentes participantes das oficinas

1) <i>A sua formação acadêmica é em...;</i>
2) <i>Quais disciplinas você leciona atualmente? (incluindo eletivas e aprofundamentos, se for o caso);</i>
3) <i>Qual ou quais coleções de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do PNL D 2021 você utiliza ou utilizou?;</i>
4) <i>Você já realizou alguma atividade sobre fake news proposta pelo livro utilizado em sua escola?;</i>
5) <i>Em caso positivo, a atividade contemplou a discussão a qual ela foi proposta?;</i>
6) <i>Em algum momento de suas aulas você já se deparou com alguma situação envolvendo fake news? Se positivo, relate a experiência;</i>
7) <i>Em caso positivo, numa escala de 1 a 3, sendo 3 muito apto e 1 pouco apto, como você se considerou didaticamente apto para lidar com a situação?</i>
8) <i>Você consome algum tipo de produção audiovisual de teor educativo/educacional nas redes sociais, como por exemplo canais no YouTube ou</i>

perfis no Instagram/Tik Tok? Em caso positivo, você já se deparou com uma desinformação ou fake news nessas produções?;

9) Na sua visão, quais as maiores dificuldades que o professor/professora enfrenta ao lidar com as fake news e a desinformação na sala de aula e no ambiente escolar?;

10) Na sua visão, em uma escala de 1 a 4, sendo um muito pouco e 4 muito, como as oficinas "As Fake News e a sala de aula" podem contribuir para a melhor compreensão do tema no ambiente escolar?.

O questionário foi idealizado tentando levar em consideração as múltiplas dimensões sociais e pedagógicas que envolvem o debate sobre *fake news*, plataforma, sala de aula e desinformação. Teve como base as discussões levantadas ao longo do trabalho e dialogando com a análise dos livros didáticos, com suas limitações e possibilidades.

Nas respostas coletadas, as coleções utilizadas pelos professores são: *Moderna Plus, Contexto e Ação e Diálogos em Ciências Humanas*. Dentro dos nossos critérios de análise³¹, somente a última coleção contempla todos os pontos considerados relevantes acerca do tema *fake news*. Já as outras duas, não relacionam o tema com outros conteúdos. Da mesma maneira, o único relato afirmando se sentir contemplado com a atividade proposta pelo livro foi do professor que utiliza essa mesma coleção.

Todos os participantes confirmaram ter passado por alguma situação em sala de aula que envolveu algum tipo de *fake news* ou desinformação. No entanto, somente um relato apresentou a situação detalhadamente: desmistificar informações falsas sobre o conflito entre Israel e Palestina. Os outros relatos afirmam a dificuldade de desvincular desinformação e senso comum, uma vez que os estudantes são bombardeados diariamente com uma enxurrada de informações e não conseguem realizar uma triagem do que é verdadeiro ou falso, o que muitas vezes resulta em um comportamento intransigente. Mesmo assim, dois dos três participantes se consideraram didaticamente aptos para lidar com a situação, enquanto um único participante se considerou pouco apto para lidar com o que foi confrontado.

³¹ 1) Há autores das Ciências Sociais?; 2) Define o conceito de fake news?; 3) Apresenta atividades sobre fake news?; 4) Relaciona o tema a outros conteúdos?.

Sobre a questão da plataformização e consumo de conteúdos de teor educativo em redes sociais, não houve consenso: um participante afirmou não consumir nenhum tipo de produção audiovisual, outro participante relatou só acompanhar páginas e sites de jornalistas conceituados para evitar se deparar com algum tipo de desinformação. Por fim, somente um participante afirmou consumir conteúdos desse teor no *YouTube*, porém, afirmou ser comum se deparar com desinformações e *fake news* nessa plataforma, o que exige uma filtragem maior no que se consome.

Já sobre a questão das dificuldades de lidar com as *fake news* e a desinformação na sala de aula e no ambiente escolar, os motivos listados são os mais diversos: “o ego dos adolescentes, o ambiente familiar, a influência das redes sociais e seus nichos e, por fim, um certo receio de ser exposto nas redes sociais” respondeu um participante. Outro participante, de maneira mais completa relatou que “as maiores dificuldades enfrentadas por nós educadores têm relação com a linguagem utilizada pelos difusores de *fake news*, que produzem vídeos bem elaborados, aproveitam princípios de pseudociência para dar uma roupagem de veracidade e também o fato de muitos dos alunos possuírem uma vivência que se encaixa no escopo de uma determinada *fake news*”. Por fim, em um tom menos otimista, outro participante afirmou que a dificuldade reside na “quantidade de informações que circulam sobre tudo, é impossível acompanhar durante o cotidiano escolar”.

Partindo do conjunto desses relatos, observamos que diversas questões levantadas dialogam com os tópicos apresentados ao longo das oficinas e ao longo das discussões teóricas. Mesmo não utilizando os conceitos sociológicos trabalhados no texto, as preocupações residem em questões como a crise de confiança que escola vem passando enquanto sistema perito. No entanto, assim como a questão do jornalismo apresentada por Luís Felipe Miguel (1999), essa crise de confiança na escola enquanto sistema perito não reflete, necessariamente, em um descrédito da figura do professor, como relata um participante: “a gente consegue dar mais atenção quando os próprios estudantes vêm até nós confirmar informações como se nós fôssemos fontes seguras para essas informações”.

Em tom autocrítico, outro participante reconheceu que os professores ainda possuem um papel de confiança, mesmo com todos os ataques sofridos ao longo dos últimos anos, mas que “nós professores precisamos de mais preparo para mostrar o

quanto é falso. Precisamos ter uma linguagem mais eficiente. Preparar melhor os fatos, mas é preciso haver mais tempo e isso conta muito. Enquanto a *fake news* não é combatida, ela causa estragos. E quando combatemos e apagamos o incêndio, muitas vezes é tarde demais”.

Em linhas gerais, observamos que há a consciência do problema das *fake news* e da desinformação no ambiente escolar e que nos deparamos quase que cotidianamente com situações dessa natureza, muitas vezes não tendo o suporte pedagógico e didático para lidar com o problema ou muitas vezes não tendo o tempo hábil para “reverter” a situação. Dessa maneira, a nossa proposta de trabalho busca viabilizar uma discussão teoricamente embasada e sociologicamente orientada que sirva de suporte para os professores de Ciências Humanas, contribuindo para o enfrentamento às *fake news* no ambiente escolar.

Inspirações sociológicas para o enfrentamento às fake news

O segundo momento do nosso relatório está focado na recepção dos participantes aos conceitos sociológicos apresentados, em especial os de Anthony Giddens: confiança, sistemas peritos e reflexividade.

A compreensão da escola como um *sistema perito* em crise, resultado de diversos fatores que levaram ao enfraquecimento da confiança em sua *expertise*, foi o conceito que teve melhor recepção por parte dos participantes, inclusive motivando-os a pontuarem os diversos elementos externos que contribuem para esse processo: influência religiosa, investimentos públicos insuficientes, equipamentos defasados, especialmente os de informática, entre outros.

No entanto, como afirmado anteriormente, a percepção dos participantes de que a confiança na figura do professor não está tão comprometida quando a confiança na escola mostrou-se mais consolidada após a compreensão desse conceito dentro da teoria sociológica de Giddens e a sua relação com o conceito de sistema perito.

Já sobre os livros didáticos, a percepção dos participantes sobre a insuficiência das coleções confirmou-se quando foram apresentados às tabelas que continham as definições e as formas que o tema *fake news* é abordado. Esse fato apresentou-se importante, pois, corrobora com ideia da importância de se construir

um material didático que contribua efetivamente para a instrumentalização dos professores em sala de aula.

A discussão sobre a plataformização, mostrou-se um pouco diferente do que foi apresentado nos formulários pelos participantes. A percepção de que conteúdos produzidos nas redes sociais, especialmente no Tik Tok e no YouTube, também poderiam impactar na educação, mesmo não sendo conteúdo educacionais propriamente ditos, surgiu durante as oficinas. Alguns canais de desinformação foram citados, como o “Brasil Paralelo” e o “Fatos Desconhecidos”, canais conhecidos por divulgarem versões “alternativas” sobre história, política e sociedade.

Por fim, como encerramento das oficinas, as percepções acerca da proposta de trabalho e a sua relevância dentro do ambiente escolar mostraram-se positivas: a compreensão de que a produção e circulação de *fake news* é um problema real e que precisa ser enfrentado, o seu papel dentro de um processo maior de desinformação, que tem, também, a escola como um de seus alvos; no contexto de plataformização, a consciência de que a escola está em desvantagem nessa “disputa” com os produtores de conteúdo que possuem recursos direcionados e possuem um alcance maior por utilizarem uma linguagem apelativa e com maior receptividade, especialmente entre os jovens; a necessidade de que os professores de todas as áreas, e não somente da área de Ciências Humanas, precisam estar cientes das múltiplas dimensões do problema da desinformação para que possam se sentir didaticamente aptos para lidar com as possíveis situações dessa natureza dentro do ambiente escolar; e, por fim, a compreensão de que a Sociologia tem muito a contribuir com esse enfrentamento às *fake news* dentro da sala de aula e do ambiente escolar.

Em linhas gerais, as oficinas corroboraram com o debate teórico levantado ao longo da proposta de trabalho e dialogaram com os limites e possibilidades que as coleções de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas presentes no PNL 2021, além de enriquecer a discussão com as vivências da própria sala de aula. A recepção positiva aos conceitos nativos das Ciências Sociais para os participantes com formação em outras disciplinas fortalece a crença na importância de se buscar caminhos e inspirações sociológicas para instrumentalizar e embasar teórica e didaticamente os professores do Ensino Médio para lidar com um problema que já se consolidou dentro desse contexto histórico plataformizado em que vivemos e no qual

a escola tem papel importantíssimo como espaço de diálogo, de divulgação do pensamento científico e de formação de cidadãos críticos e conscientes da realidade.

A realização das oficinas, juntamente a análise das coleções didáticas presentes no PNLD 2021, reforçou a importância de se produzir um material que complemente as discussões sobre *fake news* e desinformação em sala de aula. As limitações estruturais acabam encontrando um reforço nas limitações didáticas dos materiais disponibilizados nas escolas.

Os relatos sobre como os livros não contemplam as discussões e afirmativa dos participantes da oficina de que não se sentem contemplados pelo livro didático reforçam a necessidade urgente de se buscar alternativas para que esse tema, tão presente no nosso cotidiano, não se torne um tabu ou um ponto de conflito com os nossos estudantes.

Ao entrarmos em contato com aqueles que estão na linha de frente, no chão da sala de aula, percebemos o quanto o caminho é longo e desigual para quem atua no campo educacional. Aqui percebemos não só as limitações conceituais, mas também a pressão externa por parte de produtores de conteúdos que se apropriam dos discursos científicos e desvirtuam a realidade em prol de interesses próprios. Como afirmado por um professor participante, a disputa é injusta: os recursos de edição, a linguagem utilizada e a circulação desses vídeos desinformativos dificultam a ação da escola. Dessa maneira, quanto menos embasados os docentes estiverem, mais difícil será o enfrentamento a essas ondas de desinformação no ambiente escolar. No entanto, a confiança na mudança e na defesa do estado democrático sempre torna a tarefa menos árdua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação no campo educacional é uma tarefa árdua e muitas vezes negligenciada pelo campo acadêmico, seja por questões disciplinares, seja por questões mercadológicas, especialmente na educação básica. Ao nos depararmos com a realidade cotidiana nas salas de aulas percebemos como as múltiplas realidades dos estudantes às vezes entram em conflito com aquilo que está presente nos livros didáticos ou naquilo que a sociedade elenca como digno de ser ensinado, compondo aquilo que Young (2007) define como currículo.

No entanto, o esforço do PROFSOCIO em promover o diálogo entre academia e o ensino básico permite que trabalhos como esse por nós proposto possa acontecer, contribuindo diretamente para o aprimoramento da prática docente no ensino de Sociologia.

A produção de um material didático se apresenta como necessária diante de tudo que foi apresentado sobre o PNL D 2021. Observamos abordagens variadas acerca do tema *fake news*, como apresentado na Seção II, onde as definições variavam de uma questão mais complexa até apenas a tradução do termo. Esse tema é, infelizmente, um dos pilares das discussões políticas, sociais e educacionais na atualidade, uma vez que os debates atuais são atacados por diversas *fake news*, sendo até mesmo difícil pontuar quais as *fake news* do momento devido à velocidade com que elas são produzidas e distribuídas.

A nossa proposta inicial de debater a forma como as coleções didáticas do PNL D 2021, agora condensadas por áreas de conhecimento e não mais por componentes curriculares, encontrou ressonância nas diversas formas que as coleções abordavam o tema e se confirmou nas oficinas com os professores de Ciências Humanas que atuam nas mais diversas disciplinas do Ensino Médio. O material didático elaborado propõe discutir como a Sociologia pode contribuir com essa discussão, levando em consideração todos os elementos presentes ao longo desse trabalho, desde as elaborações iniciais aos elementos componentes das coleções didáticas.

A necessidade de trazer o debate para o campo sociológico não se confirma apenas com o teor das definições dos livros didáticos, mas também com a materialidade do contexto histórico que vivemos. Diariamente somos “atacados” com uma série de *fake news* e desinformação sobre os assuntos do momento,

corroborando com o caráter dinâmico das *fake news*, que são produzidas levianamente, com o suporte dos *bots*, irresponsavelmente compartilhadas, muitas vezes de modo anônimo, mas também por personalidades da mídia, isto é, *influencers*, nas redes sociais. Dessa forma, o embasamento teórico pautado na Sociologia se torna mister.

O material didático aqui apresentado corrobora com a necessidade de buscar alternativas teóricas ao conteúdo disponibilizado nas coleções didáticas, assim como pretende aprofundar o debate acerca das *fake news* e da desinformação no ambiente escolar. Em linhas gerais, visamos fortalecer o processo democrático contribuindo com a construção do pensamento crítico e fomentando o enfrentamento sociologicamente embasado às *fake news* e à desinformação. Temos a plena consciência de que se trata de uma tarefa hercúlea, que precisa da mobilização de todos os setores da sociedade. No entanto, temos confiança na importância da escola e dos professores e professoras como agentes capazes de interferir positivamente nesse processo. Parafraseando o eterno Chico Science: “Um passo à frente e não estamos mais no mesmo lugar!”.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- ALVES, Marcos Antônio S.; MACIEL, Emanuella R. Halfeld. “O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto”. **Internet & Sociedade**. N.1 v.1. jan/2020.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos da Educação**/ Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (org.). 16.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- BUCCI, Eugênio. **Existe Democracia sem verdade factual?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019. (Coleção Interrogações).
- CARLOTTO, Maria Caraméz. “Guerra em campo aberto: as disputas pela mudança estrutural do espaço intelectual brasileiro”. In: CÁSSIO, Fernando. (Org.) **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2019. (Coleção Tinta Vermelha)
- CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Editora Ubu, 2022.
- CRUZ, Francisco Brito. “Fake News definem uma eleição?”. In: BARBOSA, Mariana. **Pós-verdade e Fake News: Reflexões sobre a guerra de narrativas**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- DRIESCHOVA, Alena; MARSHALL, Hannah. Post-truth politics in the UK’s Brexit Referendum. **New perspectives**, vol. 26, no. 3, 2018, pp. 89-106.
- DOURADO, Tatiana. **Fake News: quando mentiram viram fatos políticos**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2021.
- EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.
- FISHER, Max. **A máquina do caos: Como as redes sociais reprogramaram a nossa mente e nosso mundo**. São Paulo: Todavia, 2023.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.
- GIDDENS, Anthony. **Conceitos essenciais da Sociologia**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GREIFENEDER, Rainier *et al* (Orgs.). **The Psychology of Fake News: Accepting, Sharing, and Correcting Misinformation**. London: Routledge, 2021.

KUENZER, Acácia Zeneida. Trabalho e escola: A flexibilização do Ensino Médio no contexto do regime de acumulação flexível. **Educ. Soc.** Campinas, v.38, nº139. p.331-354, 2017.

LIMA FILHO, Irapuan Teixeira; SANTOS, Maria Loudes dos. (org). **Pobreza e Direitos Humanos na escola: Projetos de intervenção**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. (Coleção Educação, pobreza e desigualdade social).

LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. **O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2022.

MACHADO, Débora. “A modulação de comportamento nas plataformas de mídias sociais”. In: SOUZA, Joyce (org.). **A sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes digitais**. São Paulo, Editora Hedra, 2018.

MARTINS, Erika Moreira. **Todos pela educação? Como os empresários estão determinando a política educacional brasileira**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

MARTINS, Helena (org.). **Desinformação: crise política e saídas democráticas para as Fake News**. São Paulo: Veneta, 2020.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: Notas de uma repórter sobre Fake News e violência digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MEUCCI, Simone. Notas sobre o pensamento social brasileiro nos livros didáticos de Sociologia. **Revista Brasileira de Sociologia**, vol. 02. Nº 03. pp. 209-233, 2014.

MEUCCI, Simone. Os livros didáticos da perspectiva da sociologia do conhecimento: uma proposta teórico-metodológica. **Revista Brasileira de História da Educação**, v.20, p. 3-18, 2020.

MICK, Jaques. Profissionalismo e confiança: o curioso caso do povo que acredita mais nos jornalistas do que na mídia. **15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo ECA/USP**. São Paulo, novembro de 2017.

MIGUEL, Luis Felipe. O jornalismo como *sistema perito*. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 11 (1): 197-208, maio de 1999.

MIGUEL, Iván; TOMAZETTI, Elisete. As competências no sistema educativo contemporâneo: estratégias da governamentalidade neoliberal. **Políticas Educativas**, Porto Alegre, v. 7, n.1, p. 43-59, 2013.

MIRANDA, Beatriz Castro; SANTOS, Carolina Xavier. A política brasileira ao alcance dos dedos: os limites e as possibilidades do agir democrático no ciberespaço. **Internet & Sociedade**. N.1 v.2. jun/2021.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política.** São Paulo: Ubu Editora, 2018.

O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa: Como o *big data* aumenta a desigualdade e ameaça à democracia.** Santo André, SP: Editora Rua do Sabão, 2020.

SANTAELLA, Letícia. **A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018. (Coleção Interrogações).

SEGURADO, Rosemary. **Desinformação e Democracia: A guerra contra as Fake News na Internet.** São Paulo: Hedra, 2021.

SINGER, Peter W. "Guerra de Likes: precisamos dominar as ferramentas e fazer a verdade viralizar". In: BARBOSA, Mariana. **Pós-verdade e Fake News: Reflexões sobre a guerra de narrativas.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

YOUNG, Michael F. D. Para que servem as escolas? **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007.

YOUNG, Michael F. D. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. **Revista Brasileira de Educação**, v.16, n.48, set.-dez. 2011.


ANEXO A - AS COLEÇÕES E SEUS VOLUMES

COLEÇÃO	VOLUMES
Conexão Mundo (Editora do Brasil, 2020)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Liberdade e vida social 2. Fronteiras físicas e culturais 3. Sociedade e natureza 4. Trabalho e sociedade 5. Convivências e conflitos 6. Política e cidadania
Conexões (Editora Moderna, 2020)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ciência, cultura e sociedade 2. População, territórios e fronteiras 3. Sociedade e meio ambiente 4. Ética e cidadania 5. Estado, poder e democracia 6. Trabalho e transformação social
Contexto e Ação (Editora Scipione, 2020)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Grandes transformações 2. Territórios, paisagens e relações sociais 3. Sociedade e natureza 4. Trabalho e sociedade 5. Desigualdade e poder 6. Cultura, ciência e tecnologia
Diálogo (Editora Moderna, 2020).	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ser humano, cultura e sociedade 2. Trabalho, tecnologia e natureza 3. Relações de poder 4. Lutas sociais e reflexões sobre a existência 5. América: povos, territórios e dominação colonial 6. Dilemas das repúblicas latino-americanas
Diálogos Em Ciências Humanas (Editora Ática, 2020)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Compreender o mundo 2. Mundo em movimento 3. Consciência ambiental 4. Importância do trabalho 5. Convívio democrático 6. Construção da cidadania
Humanitas.doc (Editora Saraiva, 2020)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Tempo e espaço 2. Territórios, territorialidades e fronteiras 3. Indivíduo, sociedade e natureza 4. Política e mundo do trabalho 5. Sociedade, cultura e política 6. Diversidade, cidadania e direitos humanos.

Identidade em Ação (Moderna, 2020)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Indivíduo, sociedade e cultura 2. Trabalho e tecnologia 3. Transformações da natureza e impactos socioambientais 4. Política e território 5. Dinâmicas e fluxos 6. Ética, cidadania e direitos humanos
Interação Humanas (Editora do Brasil, 2020)	<ol style="list-style-type: none"> 1. A formação das sociedades e das civilizações no Brasil e no mundo 2. O trabalho e a formação da vida humana 3. O poder econômico e a construção da autonomia dos povos e países 4. Sociedade brasileira: conflitos, tensões e a juventude 5. O Brasil e o mundo na atualidade 6. As sociedades humanas, seus desafios e percursos
Moderna Plus (Moderna, 2020)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Natureza em Transformação 2. Globalização, Emancipação e Cidadania 3. Trabalho, ciência e tecnologia 4. Poder e Política 5. Sociedade, Política e Cultura 6. Conflitos e desigualdades
Multiversos Ciências humanas (FTD, 2020)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Globalização, tempo e espaço 2. Populações, territórios e fronteiras 3. Sociedade, natureza e sustentabilidade 4. Trabalho, tecnologia e desigualdade 5. Ética, cultura e direitos 6. Política, conflitos e cidadania
Módulos para o Novo Ensino Médio (Editora AJS, 2020)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Indivíduo, natureza e sociedade 2. Os tempos e espaços da sociedade 3. Territórios e fronteiras 4. Ética, política e trabalho 5. Relações de poder e conflitos 6. Culturas e diferenças
Palavras de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (Palavras, 2020)	<ol style="list-style-type: none"> 1. O mundo em que vivemos: origens, trabalho e a invenção da liberdade 2. Mundo contemporâneo: tensões, conflitos e cooperação 3. Brasil diverso: povos e paisagens

	<ol style="list-style-type: none"> 4. Brasil em formação: entre o rural e o urbano 5. Mundo em rede: democracia, cidadania e direitos 6. Estado, população e meio ambiente
Prisma Ciências Humanas (FTD, 2020)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Mundo do trabalho: indivíduo e sociedade 2. Política e ética em ação: cidadania e democracia 3. Brasil da diversidade: sociedade e direitos 4. Espaços em transformação: desigualdade e conflitos 5. Sustentabilidade em ação: sociedade e natureza 6. Mundo em movimento: globalização, conflitos e pandemia
Ser protagonista (SM Educação, 2020)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Cidadania e ética 2. Economia e trabalho 3. Política e relações de poder 4. Território e fronteira 5. Sociedade e cultura 6. Conhecimento científico e tecnologias

APÊNDICE A - MATERIAL DIDÁTICO



**DESINFORMAÇÃO E SALA DE AULA:
INSPIRAÇÕES SOCIOLÓGICAS PARA O
ENFRENTAMENTO ÀS *FAKE NEWS* NO
AMBIENTE ESCOLAR**

FRANCISCO FABRÍCIO PEREIRA DA SILVA

Apresentação

Olá, colegas!

Apresentamos aqui o nosso material didático voltado para uma discussão sociologicamente orientada sobre *fake news* na sala de aula. Esse material foi elaborado a partir da análise das coleções de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas presentes no PNLD 2021. As coleções apresentam o conceito como algo que sempre existiu na história, desconsiderando, como analisado na seção anterior, toda a infraestrutura técnica e algorítmica necessária para a produção e circulação de *fake news* ou simplesmente o coloca como um sinônimo de "pós-verdade" - os conceitos estão intrinsecamente relacionados, contudo, não significam a mesma coisa. O nosso objetivo é fornecer um suporte embasado teoricamente aos professores e professoras que atuam na Educação Básica e que por vezes se deparam com alguma *fake news* no ambiente escolar ou que apenas busquem contribuir para a construção de um pensamento crítico em nossos/as estudantes.



O material está dividido em três partes: a primeira, chamada de **"Em busca de uma definição"**, tem como objetivo apresentar uma definição do conceito de *fake news* que contemple as múltiplas dimensões desse fenômeno. A segunda parte toma emprestado um trecho da canção "Anjos Tronchos" de Caetano Veloso, intitulada **"A minha vida agora é um denso algoritmo"**, discute como as redes sociais, a plataformização e os algoritmos estão moldando os nossos gostos e comportamentos e como isso impacta na educação. Por fim, temos as **propostas de atividades**, que têm como objetivo colocar em prática as discussões levantadas ao longo do texto. Elas dialogam entre si, mas podem também serem realizadas de maneira individual, ficando a critério dos/as docentes a forma como serão postas em prática.

Em linhas gerais, visamos fortalecer o processo democrático contribuindo com a construção do pensamento crítico e fomentando o enfrentamento sociologicamente embasado às *fake news* e à desinformação. Temos a plena consciência de que se trata de uma tarefa hercúlea, que precisa da mobilização de todos os setores da sociedade. No entanto, temos confiança na importância da escola e dos professores e professoras como agentes capazes de interferir positivamente nesse processo. Parafraseando o eterno Chico Science: *"Um passo à frente e não não estamos mais no mesmo lugar!"*



Sumário

Em busca de uma definição.....	04
“A minha história agora é um denso algoritmo”	09
Propostas de atividades.....	13
Bibliografia.....	21



Seção 01

Em busca de uma definição

O que nos dizem os livros?

Conceitualizar de maneira inequívoca e completa o que são *fake news* não é uma tarefa tão simples. A mera tradução do termo é insuficiente para dar conta das múltiplas relações sociais, tecnológicas, econômicas, políticas e históricas que perpassam esse fenômeno e, conseqüentemente, o conceito. Ao longo das coleções de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas presentes no PNLD 2021, encontramos uma gama de definições, algumas mais complexas, outras bastante simplistas. Entre as definições presentes nos livros encontramos desde a tradução como “notícias falsas”, no entanto, sem um aprofundamento na discussão; passando por definições mais completas, que complexificam a reflexão, apresentando-as como “geralmente de cunho sensacionalista, divulgadas intencionalmente com o objetivo de induzir e influenciar comportamentos nos leitores, como despertar revolta contra algo ou alguém, por exemplo”; colocadas como “boatos ou relatos mentirosos, que não possuem qualquer tipo de comprovação, [...] escritas de modo que pareçam notícias verdadeiras e são divulgadas em sites pouco conhecidos ou transmitidas por meio das redes sociais ou aplicativos de mensagens instantâneas”; até de maneira bastante simplista, como sendo apenas “notícias falsas que se espalham pelas redes sociais”.





Os exemplos acima, retirados das próprias coleções, deixam claro que as definições se apresentam de maneira insuficiente, mesmo quando possuem uma maior complexidade. O resultado disso em sala de aula pode ser a falta de suporte para que os professores/as consigam se considerarem didaticamente aptos para lidar com o assunto em uma situação real em sala, como foi apontado durante as oficinas de preparação do presente material. Dessa forma, a nossa primeira orientação é a definição mais completa possível do conceito de fake news, visando uma uniformidade de análise, o ponto de partida em comum para as discussões em sala de aula.

Fake News ou Desinformação?

Visando a uniformidade na discussão, optamos por utilizar a definição de Greifeneder (2021): *fake news* como **notícias/informações deliberadamente falsas** produzidas com o objetivo principal de **atender a interesses específicos** e atingir pessoas, grupos sociais, organizações, etc., através de uma **linguagem que mexe com os sentimentos** do leitor (geralmente, buscam causar comoção, revolta ou indignação com a situação posta). Elas se utilizam de uma linguagem jornalística, muitas vezes se apropriando dos layouts de sites reais que possuem credibilidade com o público para passar uma sensação de veracidade aos seus leitores. Contudo, elas não podem ser classificadas como notícias jornalísticas, pois já são criadas com o objetivo de enganar. Além disso, um dos aspectos principais dessas notícias é o anonimato de quem as produziu e a sua origem, o que impossibilita a sua correção ou a responsabilização, o que é possível na produção tradicional.

Complementando essa definição, acrescentamos que as *fake news* só podem existir em um contexto de **big data** e de **plataformização** da sociedade, o que fornece uma estrutura algorítmica capaz de viabilizar a logística de produção em larga escala de informações falsas. Em algumas coleções e até mesmo em provas como o ENEM, observamos uma tentativa de historicizar as *fake news* como algo que sempre existiu ao longo da história, o que pode levar os estudantes a uma confusão na compreensão do termo e na sua identificação prática no dia a dia, não apenas na sala de aula.

Apesar de existirem outras formas de desinformação ao longo da história, as *fake news* só existem dentro de uma logística característica de nosso tempo. Evgeny Morozov (2018) define esse período como **capitalismo tecnológico**, relacionado à ascensão dos dados como ferramenta política e a consolidação do Vale do Silício como polo tecnológico das **big techs**, empresas de tecnologia que atuam como mediadoras desses dados: coletando, comercializando, manipulando e fazendo-os circularem.

O autor associa a ascensão dessas big tech ao desmonte do Estado de Bem-Estar Social, o que se reflete no surgimento de aplicativos como o Uber (precarização do trabalho) e o Airbnb (precarização das moradias e a especulação imobiliária). Morozov afirma, ainda, que "as *fake news* são o subproduto do capitalismo digital" (2018, p.186) e complementa, relacionando-as com a lógica de mercado que fomenta a sua produção e circulação, sempre em um viés econômico, um subproduto, de fato, explorado pelas big techs. Observamos, assim, que a produção e circulação das *fake news* têm nessa infraestrutura técnica das redes digitais controladas por algoritmos o meio adequado para atingirem o maior número de pessoas no menor tempo possível de acordo com os interesses de seus produtores.





Há aqui a importância de diferenciar *fake news* e desinformação, apesar de as *fake news* serem uma forma de desinformação, este conceito é mais complexo. Helena Martins (2020, p.10) opta por utilizar **desinformação** como algo “com o qual se busca ressaltar a intencionalidade na produção e na propagação de informações falsas, equivocadas ou descontextualizadas para provocar uma crise comunicacional e, assim, obter ganhos econômicos e/ou políticos” em vez do conceito de *fake news*, pois, continua a autora, “o fenômeno da desinformação sofre um esvaziamento analítico quando é resumido à questão da ‘notícia falsa’ e confundido com outras formas de distorção dos fatos, como a sátira e a paródia, ou com conteúdos identificados a determinadas posições ideológicas.” (MARTINS, 2020, p. 10).

Para fins pedagógicos utilizaremos o termo *fake news*, pois é o termo utilizado nos livros didáticos presentes no PNLD 2021. No entanto, a compreensão de que *fake news* é uma das várias formas de desinformação, torna-se necessário para que haja uma percepção maior dos múltiplos processos que fazem parte da crise comunicacional presentes nas redes sociais.

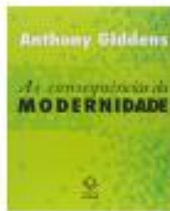


Giddens, confiança e sistemas peritos

Sociologicamente, os conceitos que nos ajudarão a mediar as atividades propostas são os de **confiança** e **sistema perito**, ambos desenvolvidos por Anthony Giddens (1991). A descrença na mídia tradicional, chamada de ruptura da mídia, está muito associada ao conceito de confiança, característica de desencaixe intrínseca da modernidade, na qual, por não termos condições físicas e profissionais de dominar todos os serviços e habilidades que precisamos para viver em sociedade, acabamos confiando nos outros indivíduos e instituições, em uma ação semelhante à fé e à crença.

Os sistemas peritos, por seu turno, são "sistemas de **excelência técnica ou competência profissional** que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje" (GIDDENS, 1991 ,p. 37-38), típicos da modernidade. Dessa forma, a descrença nos chamados sistemas peritos - aqui, no caso, a mídia tradicional e, em um contexto maior, a escola também - resulta em uma **quebra na relação de confiança entre agência e agentes**, gerando, assim, uma busca de soluções alternativas que retomem essa relação de fé e crença na expertise desses sistemas.

Nesse contexto é que as *fake news* e outras formas de desinformação encontram campo fértil para a sua produção e circulação. Assim, a descrença nos sistemas peritos pode servir como um possível trajeto para compreendermos as motivações que levam os indivíduos a acreditarem nessas *fake news*, mesmo quando a realidade factual aponta para outro caminho. Ao romperem com a ideia de sistema perito, os produtores/consumidores de *fake news* rompem, também, com a lógica de racionalização que o sistema perito oferece e que é intrínseco à sua existência.



As consequências da modernidade
Anthony Giddens

Obra fundamental para compreendermos as características da modernidade e os conceitos de confiança e sistema perito.



Desinformação: crise política e a saída democrática para as fake news
Helena Martins

Obra que apresenta uma discussão fundamental sobre os conceitos de desinformação e fake news.

Dicas de leitura



A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo
Max Fisher

Obra recente e que já se apresenta como fundamental para a compreensão das novas relações sociais provenientes da plataformação da sociedade e como as redes sociais estão moldando comportamentos e ideias.

Seção 02

“A minha história agora é um denso algoritmo”

Nos últimos anos, temos percebido um maior crescimento da presença das redes sociais, seja na forma como consumimos notícias, entretenimento, como compramos, buscamos informações e tantas outras atividades. Como vimos no tópico anterior, o momento atual em que vivemos é caracterizado pela grande circulação de dados, a chamada big data, que devido ao seu grande volume, é analisada a partir de sistemas matemáticos que otimizam os resultados no menor tempo possível e da maneira mais personalizada que os dados possam oferecer, isto é, os algoritmos. Esse processo oferece experiências cada vez mais personalizadas no mundo digital.

Débora Machado (2018), baseando-se em Nick Srnicek, utiliza o conceito de **“Capitalismo de Plataforma”** para compreender a infraestrutura digital que permite a circulação e comercialização dos dados, transformando-os em principal “matéria prima” dos negócios de empresas como Google e Meta (Facebook, WhatsApp e Instagram). A autora também discute como a **algoritmização** contribui para a coleta e a análise massiva e automatizada dos dados, o que permite a circulação desses dados em uma grande velocidade. Assim, utilizaremos o conceito de **plataformização** para compreender a forma como nos relacionamos com as redes sociais.



Leticia Cesarino (2022), dialogando com Liesbet van Zoonen, analisa a plataformização com o conceito de eu-pistemologia e como ela transforma a experiência nas redes com

a integração dos procedimentos de acesso ao real no plano da experiência imediata, da certeza, dos sentidos, da trajetória e da opinião pessoais. Nas plataformas, esses efeitos são acentuados, pois os algoritmos entregam aos usuários mundos personalizados que confirmam seus enquadramentos individuais - em termos cibernéticos, que contêm um excesso de feedback positivo. Como resultado, os usuários sentem-se plenamente legitimados em suas opiniões e visões, e, assim, proativos e livres, distribuindo *follows*, curtidas ou *blocks* à vontade, como pequenos soberanos em seus microfeyudos digitais." (CESARINO, 2022, p.105).

Seguindo essa linha de pensamento, a forma com que os algoritmos moldam as nossas atividades nas redes sociais está relacionada com dois fenômenos do mundo digital: as **echo chambers** e as **bolhas sociais**. Nas "echo chambers", que a algoritmização ajuda a ganharem força, as paixões pessoais se sobrepõem à todo e qualquer tipo de verificação. A verdade torna-se apenas uma questão de opinião, sem lastro na factualidade. As bolhas são os "**isolamentos coletivos**" resultantes da personalização que os algoritmos realizam partindo dos registros e preferências que os indivíduos produzem no mundo digital. Para Santaella (2018), as mídias sociais "promovem a segregação ideológica, pois o usuário acaba por se expor quase exclusivamente a visões unilaterais dentro do espectro político mais amplo" (SANTAELLA, 2018, p.15)



Ainda nessa linha de pensamento, Cathy O'Neal (2020) e Evgeny Morozov (2018) defendem a tese de que a algoritmização e a plataformação da sociedade fomentam e reforçam a desigualdade social, além de enfraquecer o processo democrático. Max Fisher defende que os algoritmos e o design de plataformas como o Facebook e o Youtube "moldavam propositalmente as experiências e os estímulos dos usuários e, portanto, os próprios usuários" (FISHER, 2023, p.17). Dessa forma, podemos afirmar que estamos vivendo em um meio completamente guiado pelas plataformas e pelos algoritmos em suas múltiplas dimensões.

No campo educacional, percebemos a proliferação de canais e perfis que abordam conteúdos educacionais nas redes sociais, como o Canal Nostalgia, que aborda conteúdos de História, como Segunda Guerra Mundial e Ditadura Militar, por exemplo, Débora Aladim, também voltado para História, mas que se descreve como "youtuber de educação", entre tantos outros perfis. Um dos grandes problemas refere-se ao surgimento e consolidação de canais que não obedecem a um rigor científico na sua produção, além de outros abertamente voltados para a desinformação, como os canais Brasil Paralelo e Fatos Desconhecidos.





O impacto desse tipo de conteúdo, que geralmente tem uma produção com qualidade profissional e de fácil viralização, por saber dialogar com os algoritmos e as hashtags, pode ser extremamente prejudicial devido à velocidade com que esses conteúdos circulam. Enquanto a desinformação não for combatida, ela vai causando estragos e quando combatemos o incêndio pode ser tarde demais. O trabalho docente é fundamental para que essas desinformações sejam desmentidas.

A escola, em linhas gerais, vem sofrendo bastante com o **discurso negacionista e anticientificista** que encontra nas plataformas um campo de proliferação. As disputas dentro desse campo científico vão desde os vários ataques aos professores, seja com a censura – projetos como o “Escola Sem Partido” e o “pedido” de políticos de direita e extrema-direita para que os alunos filmem os professores, especialmente os de Ciências Humanas, em sala de aula – ou com políticas públicas que minam o papel docente dentro do processo de ensino-aprendizagem. Essa situação se agrava quando perfis e canais nas redes sociais produzem e põem em circulação conteúdos aparentemente educacionais, mas que na verdade se tratam de desinformação.

Seção 03

Propostas de atividades



Apresentaremos aqui algumas propostas de atividade que podem contribuir para uma melhor compreensão do conceito de *fake news* e desinformação tanto na sala de aula como no dia a dia dos estudantes fora do ambiente escolar. As análises surgem a partir da inspiração sociológica e estão ancoradas em alguns conceitos apresentados anteriormente, sempre levando em consideração a importância de se construir um pensamento crítico que possa impactar de maneira positiva na sociedade e contribuir para o enfrentamento às *fake news*, problema que constantemente vai se atualizando e que demanda um olhar extremamente atento por toda a sociedade.

Em linhas gerais, essas atividades visam sintetizar as análises e discussões teóricas apresentadas no presente material no intuito de fornecer um suporte sociologicamente embasado para professores e professoras na sala de aula e no ambiente escolar, contribuindo para o enfrentamento às *fake news* e reforçando - ou retomando - a confiança na figura do/a docente e na escola enquanto sistema perito.

“Educação midiática para jovens”

Objetivo: Contribuir para a construção de uma consciência crítica em relação às mídias, reforçando a importância do trabalho jornalístico e o uso das redes.

Material Utilizado: Pincel, quadro branco, celular, tablet e computador com acesso à internet.

Duração: A duração pode variar de acordo com a disponibilidade da disciplina.

A importância de ensinar aos estudantes a utilizarem as redes e mídias digitais vai para além do simples uso do celular ou *tablet*. A educação midiática contribui para o fortalecimento de regimes democráticos baseados na verdade factual, além da construção do pensamento crítico dos/as estudantes.

A oferta de disciplinas como **Cultura Digital**, por exemplo, pode ser utilizada para a educação midiática, principalmente pelo fato de que todos nós estamos imersos na plataformização da sociedade, onde não só as notícias e informações estão presentes no mundo digital, mas também grande parte de nossas relações interpessoais. Esse fator por si só já justificaria a preocupação com a educação midiática. No entanto, para além disso, como afirma Patrícia Blanco (2024): “Se o jovem não tem educação midiática e senso crítico, ele não consegue diferenciar fato de opinião”.





Educação midiática é definida pelo Educamídia como "um conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos". Assim, a educação midiática visa fornecer os subsídios para que o estudante saiba agir de maneira crítica no mundo digital. Partindo da orientação sociológica, propomos um momento inicial com uma roda de conversa com os/as estudantes para saber como consomem **informação no mundo digital**. Em dados levantados em sala de aula, as redes sociais foram citadas como a principal fonte de informação pelos/as estudantes, especialmente o aplicativo TikTok.

As respostas servirão como mote para que seja realizado uma análise sobre a **mídia tradicional**. Aqui há o primeiro contato com os conceitos sociológicos desenvolvidos por Anthony Giddens: confiança e sistemas peritos. Ao analisarmos a mídia enquanto um sistema perito, poderemos compreender o que leva ou levou os/as estudantes a consumirem notícias e informações em outras plataformas alternativas.

A etapa seguinte é apresentar aos discentes como a informação consumida no mundo digital está inserida em um contexto de circulação de grandes volumes de dados, *big data*, e como as *big techs* tratam esses dados, financeiramente e algorítmicamente, priorizando certas postagens em detrimento a outras, independentemente se a informação é verdadeira ou falsa. Aqui há, também, a necessidade de explicar como a plataforma atinge a educação, com diversos perfis discutindo assuntos educacionais de maneira leiga e sem aprofundamento científico, alguns reproduzindo uma série de desinformações.

Por fim, pode haver um diálogo com a terceira atividade proposta, "Ressignificando os 8 passos", levando em consideração todas as etapas da presente atividade. A análise de *fake news* e outras formas de desinformação presentes nas redes, cuja escolha ficará a critério dos docentes, pode ser utilizada como conclusão da atividade, gerando um relatório escrito ou oral sobre como os/as estudantes visualizaram ou perceberam as informações falsas no material analisado após as discussões teóricas, contextualizando dentro desse recorte de plataforma.



“Algoritmos de destruição em massa”

Objetivo: Compreender, a partir dos dados estatísticos, como funciona a distribuição e circulação de informações nas redes sociais.

Material Utilizado: Celular ou tablet com acesso à internet.

Duração: A duração pode variar de acordo com o período temporal que se pretende analisar os dados.

A **plataformização** da sociedade resulta em uma série de impactos nas diversas formas que consumimos informações, entretenimento e outras formas de conteúdo no mundo virtual. No entanto, mesmo utilizando por diversas horas as redes sociais, aplicativos de vídeos e de mensagens instantâneas, a compreensão sobre como essas plataformas funcionam efetivamente ainda se mostra bastante nebulosa. A forma com que os conteúdos são distribuídos e a maneira como as hashtags vão definindo aquilo que consumimos e “moldando” os nossos gostos e preferências ainda não são completamente compreendidos. Partindo desse ponto, percebemos a necessidade da compreensão de **como os algoritmos funcionam** dentro dessas plataformas, especialmente o Tik Tok, aplicativo de vídeos curtos mais utilizados pelos estudantes. A presente atividade visa analisar estatisticamente os dados fornecidos por essa plataforma sobre o tracionamento, circulação e distribuição de conteúdos no aplicativo, além da compreensão da forma como as hashtags interagem com as outras postagens. Damos como exemplo: Uma atividade realizada durante a semana cultural e científica na EEM Professor Otávio Terceiro de Farias, foi proposto a uma equipe produzir uma fake news em formato de vídeo com o auxílio de um site de inteligência artificial.





Essa postagem falava sobre um projeto encabeçado por Elon Musk para levar pessoas “escolhidas” para Marte diante de um possível colapso climático.

O vídeo produzido foi postado no aplicativo Tik Tok seguido de algumas hashtags que dialogavam com outros perfis de desinformação presentes na plataforma, como os termos verdade “oculta”, “secreta”, entre outros que reforçam essa ideia de conspiração, de verdade que está sendo escondida pelos poderosos e que agora pode ser revelada a todos, o que reforça a quebra na confiança na mídia oficial como sistema perito.

Os resultados obtidos mostraram que a plataforma não removeu o vídeo, porém, restringiu o seu alcance após a denúncia de que se tratava de fake news, dificultando a sua distribuição, mesmo não proibindo a sua circulação.

Esse resultado possibilitou a percepção de **como as redes sociais controlam a circulação de informações falsas ou inverídicas**, optando por não excluir um material explicitamente falso e permitindo que por meio das hashtags outros usuários conseguissem ter contato com essa fake news.

Nessa atividade, a **participação do docente** no acompanhamento do material produzido é fundamental, principalmente na elaboração da fake news, para que não seja algo nocivo à sociedade. O ideal é que seja algo claramente falso, pois o objetivo é analisar o funcionamento dos algoritmos e o comportamento das plataformas. Compreender quais hashtags, qual a forma da linguagem utilizada, o tempo de duração do vídeo, entre outros fatores que influenciam na distribuição do vídeo pelas redes sociais é um ponto central nessa atividade. Os dados derivarão diretamente do modo como o material é organizado para dialogar com os algoritmos. O que poderá apresentar parte da dimensão do problema de circulação e distribuição de vídeos de desinformação, especialmente aqueles que contam com uma produção mais “profissional” e que entendem melhor as armadilhas algorítmicas.

“Ressignificando sociologicamente os 8 passos”

Objetivo: Contextualizar sociologicamente os tradicionais oito passos sugeridos para se identificar uma informação falsa, visando um embasamento teórico mais consistente.

Material Utilizado: Pincel, quadro branco e o livro didático.

Duração: 2h/a.

Desde a popularização das *fake news* como ferramenta política e de desinformação, as agências midiáticas, os Estados e outras instituições que prezam pela manutenção dos regimes democráticos ancorados na verdade factual buscam criar guias para o enfrentamento dessas informações falsas, um trabalho semelhante ao das agências de *fact checking*, que são agências ou setores específicos de veículos de comunicação que se dedicam a verificar informações suspeitas que circulam nas redes sociais e na mídia. Esses guias geralmente possuem sete ou oito passos para **identificar uma notícia falsa** e aparecem de forma regular nas coleções do PNLD 2021, aparecendo em sete das quatorze coleções analisadas, variando apenas a quantidade dos passos para que se concretize a identificação.

A presente proposta de atividade tem como objetivo contextualizar sociologicamente os oito passos presentes nesses guias visando contribuir com a construção do pensamento crítico dos/as estudantes que possa ser utilizado para identificar outras formas de desinformação presentes na mídia, especialmente nas redes sociais. Para isso, retomaremos as discussões teóricas presentes na primeira parte do nosso material, especialmente sobre os conceitos sociológicos desenvolvidos por Anthony Giddens.





O guia utilizado como base é o da coleção Conexões, da Editora Moderna, que apresenta oito passos para se identificar notícias falsas: 1) *Considere a fonte*; 2) *Leia mais*; 3) *Verifique o autor*; 4) *Fontes de apoio*; 5) *Verifique a data*; 6) *Isso é uma piada?*; 7) *É preconceito?*; 8) *Consulte especialistas*. Esse modelo de guia leva em considerações todas as etapas consideradas relevantes para a verificação de uma notícia, desde o seu título até a forma que o assunto vem sendo discutido entre os especialistas.

A primeira etapa está associada a compreensão do conceito de confiança desenvolvido por Giddens. Ao associar o uso de fontes "alternativas" como um desencalhe da confiança nos sistemas peritos característicos da modernidade, como a mídia tradicional, por exemplo, o estudante estará se habituando a sempre buscar entender o motivo (ou motivação, dependendo da compreensão dos objetivos ulteriores) dessa informação estar circulando apenas nos chamados meios alternativos, sem resquícios na mídia tradicional. A sua circulação se fortalece em redes sociais e em aplicativos de mensagens instantâneas e mesmo a desinformação se utilizando do *layout* de sites confiáveis e utilizando a estética de páginas conhecidas, o fato de viralizar fora da mídia tradicional já é o suficiente para que surja a desconfiança em sua veracidade.

A segunda etapa é conhecer os **impactos da plataformização** e do próprio funcionamento das redes sociais ou de qual outro meio que utilize *big data*. A **viralização**, seja de conteúdos considerados jornalísticos ou apenas de humor, as sátiras, existem dentro de uma arquitetura algorítmica que define como vai ocorrer a sua distribuição. Mais do que verificar a data ou se a notícia se trata de uma sátira, é importante que o estudante compreenda **como funciona o uso das hashtags** e o encadeamento que os algoritmos fazem com essas informações. Nesse ponto, essa atividade dialoga com a atividade anterior, pois a plena compreensão do funcionamento das redes contribuirá para um olhar crítico mais atento por parte dos/as estudantes. A informação falsa nas redes não é só texto, não é só *layout*, é também uma **armadilha algorítmica**.

Por fim, para além da busca por um viés de confirmação ou de se ancorar no princípio de autoridade, a retomada da confiança nos agentes antes do sistema perito em si deve ser levada em consideração. A "consulta a especialistas" proposta no último passo pode ser convertida na confiança nos sistemas peritos, no nosso caso a mídia e a escola. A orientação para o diálogo agente-agência na verificação das informações/notícias falsas se torna necessária para que os/as estudantes desloquem a confiança apenas na pessoa e sim na estrutura, o que pode favorecer a construção de uma consciência crítica mais apurada, consistente e embasada.



Bibliografia Seleccionada



CESARINO, Leticia. **O mundo do avesso:** verdade e política na era digital. São Paulo: Editora Ubu, 2022.

FISHER, Max. **A máquina do caos:** Como as redes sociais reprogramaram a nossa mente e nosso mundo. São Paulo: Todavia, 2023.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

GREIFENEDER, Rainier (Org.). **The Psychology of Fake News:** Accepting, Sharing, and Correcting Misinformation. London: Routledge, 2021.

MACHADO, Débora. "A modulação de comportamento nas plataformas de mídias sociais". In: SOUZA, Joyce (Org.). **A sociedade de controle:** manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo, Editora Hedra, 2018.

Bibliografia Seleccionada



MARTINS, Helena (Org.). **Desinformação**: crise política e saídas democráticas para as Fake News. São Paulo: Veneta, 2020.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**: A ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa**: Como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia. Santo André, SP: Editora Rua do Sabão, 2020.

SEGURADO, Rosemary. **Desinformação e Democracia**: A guerra contra as Fake News na Internet. São Paulo: Hedra, 2021.

